

**INSTITUTO SÃO BOAVENTURA
CURSO DE FILOSOFIA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

O poder de Foucault

Thiago de Souza Moura

Orientador: Prof. Dr. Carlos Ângelo de Meneses

BRASÍLIA

2016

**INSTITUTO SÃO BOAVENTURA
CURSO DE FILOSOFIA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

O poder de Foucault

Thiago de Souza Moura

Orientador: Prof. Dr. Carlos Ângelo de Meneses

Trabalho apresentado ao curso de Filosofia do Instituto São Boaventura como parte dos requisitos necessários para conclusão do curso.

BRASÍLIA

2016



Ata de Apresentação da Monografia

A apresentação da monografia de conclusão do Curso de Filosofia, feito na Aula Magna do Instituto São Boaventura ocorrido aos _____ dias do mês de _____ de dois mil e _____, pelo estudante THIAGO DE SOUZA MOURA com o tema “O poder de Foucault”, sob a orientação do Professor Dr. Carlos Ângelo de Meneses, sendo leitor o professor _____.

A avaliação foi feita por:

Prof. _____ Orientador

Nota: _____

Prof. _____ Leitor

Nota: _____

Resultado final da apresentação: _____, sendo o aluno aprovado.

Brasília - DF, ____ de _____ de 201____.

Secretariando: _____

Dedico este trabalho a minha família e amigos e ao convento e seminário Santa Maria dos anjos.

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Deus, pelo dom da vida. A minha família, meus pais Reinaldo e Aureci que me educaram com cuidado, carinho e zelo, agradeço também as minhas irmãs e meu irmão por estarem ao meu lado... Aos professores que ensinaram a arte de estudar. Agradeço o acolhimento da Província S. Maximiliano Kolbe. Estendo os meus agradecimentos aos meus formadores. Agradeço a todas as pessoas, professores e amigos, que contribuíram para a arquitetura do presente trabalho, quer com livros, artigos, orientações e etc. E por fim, agradeço ao meu orientador, Dr. Carlos Ângelo de Meneses, por conduzir-me nos caminhos devidos para a elaboração do trabalho, e por ter levado em considerações as minhas inquietações e a minha opinião. A todos, de todo o meu coração, o meu agradecimento.

RESUMO

Neste trabalho monográfico orquestro e delato o pensamento de Foucault, contudo acentua-se a questão do poder. Antes de apresentar tal questão necessita-se elucidar outros aspectos do pensador. Ora, o discurso é um destes aspectos, da qual é bastante significativo. Foucault diagnostica como alguns discursos afloram enquanto outros são excluídos, ademais mostra que os discursos estão sob leis e rituais. É importante salientar que Foucault concebe o discurso como materialidade, nesta perspectiva o sujeito é constituído por práticas históricas e sociais discursivas. Todavia, elucidar-se-á esta constituição tendo como base a figura do louco. Pode-se ainda fazer presente a questão de Foucault: quando tornamos o que somos? No que refere ao poder Foucault concebe não como uma coisa centrada em uma pessoa, ou local, mas como relação, deste modo o poder circula em todo o corpo social. Foucault atenta-nos ao exercício do poder, como se exerce sob os corpos dos indivíduos, disciplinando-o exercendo uma docilização dos corpos. Para tal docilização dos corpos as instituições desempenham um papel fundamental, pois estas sequestram os indivíduos, classifica-o e produz verdades para e acerca eles. Todo este exercício de poder é possível através dos dispositivos que entre outros aspectos, refere-se a um conjunto de elementos que abarcam desde discursos a instituições, organizações arquitetônicas, leis, enunciados científicos, etc, cuja função estratégica ou política, é ser o elemento imprescindível para a manutenção de uma forma de dominação.

Palavras- chave Discurso. Loucura. Poder. Docilização dos corpos. Instituições.

“Se em terra de cego quem tem um olho é rei, imaginem que tem os dois”.

Oswaldo Montenegro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1º CAPÍTULO - O DISCURSO E SUAS DIRETRIZES	13
1.1- Discurso	13
1.2– O discurso acerca do louco	17
1.3- A vontade de saber	24
1.4– Regras dos discursos	30
1.5– DISCURSOS DISCURSADOS	33
2º CAPÍTULO - O PODER E SEUS DISPOSITIVOS	38
2.1- O projeto do professor	38
2.2 – O HOMEM	39
2.3- A DISCIPLINA	42
3º CAPÍTULO - AS INSTITUIÇÕES	49
3.1- A PRISÃO	49
3.2- O PODER	56
3.3 – INSTITUIÇÕES DE SEQUESTRO	58
CONCLUSÃO	62
Referencias bibliográficas	64

INTRODUÇÃO

Tendo em vista, o ideal do professor Foucault de escrever um livro que não seja objeto manuseável, exposto e aprisionado em um conjunto de jogo de repetições, ao menos da parte de quem escreveu, mas fosse nada além das frases de que é feito (...)e de que o autor do livro reivindicasse o direito de ser seu senhor, de impor o que queria dizer, ou dizer o que o livro devia ser. O desejo de Foucault é que um livro não se atribuisse a si mesmo essa condição de texto ao qual a pedagogia ou a crítica saberão reduzi-lo, mas que tivesse a desenvoltura de apresentar-se como discurso: simultaneamente batalha e arma, conjunturas e vestígios, encontro irregular e cena repetível.

Assim, abdicando-me de ser soberano, “polícia” da referida obra, por conseguinte endereço este trabalho a dois públicos: para aqueles que não tiveram contato com Foucault e para aqueles que já tiveram. Ora, o objetivo disto é que, os que ainda não tiveram contato, possam situar e deparar com nas questões elucidadas pelo professor. Enquanto aqueles que conhecem possam interagir com Foucault e aprofundar em querelas bem significativas apresentada pelo professor.

Ora, sabe-se da dificuldade de trabalhar Foucault por não catalogá-lo em uma área, disciplina e etc. Ademais, mesmo conseguindo torna-se muito pobre, segue que, não conseguindo trabalhar Foucault como filósofo, historiador, antropólogo, estruturalista, marxista e etc, por ele mesmo não aceitar ser etiquetado como tal. Propõe-se chamá-lo de professor, porém não entendamos este como alguém que transmite um conhecimento em determinada área, mas como uma pessoa que instiga outra questionando o modo de pensar, construir verdades e etc.

O trabalho é constituído de três capítulos, sendo que o primeiro trata do discurso e as suas diretrizes. Enquanto o segundo aborda a questão do poder. E por fim, o terceiro discute acerca das instituições.

Pois bem, o primeiro capítulo delata o discurso na perspectiva de Foucault, dando ao leitor um panorama geral do que é o discurso, como este

se forma e se distribui. Assim, o leitor atentar-se-á ao que é o discurso e por quais motivos é proferido deste modo e não de outro. Tendo esta inquietação pode-se questionar o óbvio, como as coisas tornaram o que são. Foucault concebe o discurso como materialidade, para ele o discurso constitui o sujeito, tudo que somos são resultados de práticas discursivas históricas.

No segundo momento abordar-se-á o discurso médico, como este foi constituindo saberes sobre as pessoas, para tal fim destaca-se a figura do louco que surgiu graças a um conjunto de discursos históricos e práticas sociais. Por conseguinte, elucida o discurso da interdição e exclusão, que possibilitou a observação dos corpos, culminando no nascimento da clínica e do hospital.

Por fim, neste primeiro momento, mostrar-se-á a proposta de trabalho do professor Michel Foucault é que investigando os discursos defrontemos com nossa história (passado, presente e futuro), pensando de outra forma o que nos é tão evidente. Assim, libertando-nos do presente e nos instalando quase num futuro, numa perspectiva de transformação de nós mesmos, construindo nossa própria subjetividade.

No segundo capítulo, apresento o itinerário do pensador que se atreveu a tudo. O caráter interdisciplinar de Foucault é formidável, ele é o pensador que escavou a história para diagnosticar assuntos esquecidos e abandonados. Foucault foi o pensador que teve a coragem de decretar a morte do homem, e romper com as dicotomias e romper com as verdades criadas e estabelecidas.

No primeiro momento destaca-se a proposta de trabalho do professor Foucault isto elucidará o seu percurso. No segundo momento toca-se um ponto provocativo, que é a morte do homem, pois para Foucault não houve espaço para este na história. Assim, Foucault rompe com a proposta de um humanismo e tece uma crítica a psicologia.

No terceiro momento, destaca-se a docilização dos corpos para tal fim é necessário a disciplinalização que é a redução de espaço do indivíduo. Este mecanismo é presente tanto na escola, como no hospital, quartel, por fim é um dispositivo alcança a todos.

No terceiro capítulo, trabalhará as instituições, para isso abordaremos o poder na concepção de Foucault sendo que para este o poder não é uma coisa, pessoa, ou até mesmo está centrado em um lugar. Poder na concepção

de Foucault se dá na relação e não é somente repressivo, se fosse assim ele seria muito frágil.

Para Foucault o poder em vez de impedir o saber ele produz, a prisão vem corroborar esta premissa, pois na prisão é permitido punir e então docilizar os corpos. Na prisão é possível vigiar os corpos constantemente, e isto graças ao dispositivo de vigilância criado pelo filósofo e jurista inglês, Bentham. Este dispositivo chamado panóptico é um modelo arquitetônico da qual permite um indivíduo vigiar vários sem ser visualizado. Para Foucault este dispositivo alcança todo o campo social, assim é possível afirmar que a sociedade é um sistema penitenciário, porém mais aperfeiçoado. Contudo, o modo de operar da sociedade não se dá pela consciência ou pela ideologia, mas inicia-se no corpo.

Por fim, tendo visto que o poder alcança a todos por meio de dispositivos, apresentam-se as instituições de sequestro. Foucault diagnosticou duas faces do poder: a parte visível (as instituições) e a parte invisível (os dispositivos).

1º CAPÍTULO- O DISCURSO E SUAS DIRETRIZES

1.1- Discurso

Inicia-se então o trabalho, com a aula inaugural no Collège de France proferida pelo professor, Michel Foucault, no dia 02 de dezembro de 1970. Nele Foucault assumiu a cadeira de Jean Hyppolite na disciplina história dos sistemas de pensamento. Foucault lecionou no Collège de France a partir de 1971 a 1984, porém no ano de 1977, pôde beneficiar-se de um ano sabático. “Nesta instituição o ensino tinha regras particulares, na qual os professores cumpriam vinte seis horas de ensino por ano (podendo a metade, ser oferecido a seminários)”. (FOUCAULT, 2010, nota XI).

A instituição requisitando este método de trabalho proporciona que, a cada ano, devir-se-ia expor uma pesquisa original, o que obriga a sempre renovar o conteúdo do ensino. Destas pesquisas resultou a investigação daquele crime ocorrido no ano de 1835, em que um jovem de 20 anos, mata sua mãe grávida de seis meses, e sua irmã e seu irmão e depois se suicida na cadeia. Esta pesquisa foi publicada como livro que teve o título: *“Eu, Pierre Revière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão”*.

A referida aula inaugural do Collège de France teve título a “Ordem do discurso” vertida para a língua portuguesa por Laura Fraga de Almeida Sampaio¹. Nesta lição inaugural, o professor dedicou um espaço para tratar o discurso, o que é, e quais as suas dimensões, mostrando quais discursos prevalecem e conseqüentemente como se forma o sujeito. Para Foucault, o discurso ultrapassa o sujeito e possui múltiplos rituais próprios, sobretudo o discurso religioso, médico e jurídico.

¹Doutora em Filosofia pela Universidade de Louvain-Bélgica, diretora do Instituto Sedes Sapientiae. Coordenadora do Centro de Filosofia do Instituto Sedes Sapientiae de São Paulo.

Foucault assevera que o discurso não tem apenas um sentido ou uma verdade, mas uma história específica, assim, ele evoca a atentar-nos para o discurso em outro viés, ou seja, buscar o que está “escondido” neles. Percebam que Foucault concebe o discurso, quer na escrita ou proferida como materialidade, deixa-nos como que inseguros, amedrontados, estáticos, isto por não termos um lugar seguro onde possamos construir nossos saberes sem sermos questionados.

O discurso tem tamanha significação para o professor Foucault, que dedicou parte de seus livros a este tema, entre eles, a *Ordem do discurso*, *Vigiar e punir*, diversos textos de *Microfísica do poder*, o primeiro volume da *História da sexualidade*, e vários cursos que agora foram publicados em português (como *Poder psiquiátrico*, *Os anormais*, *Em defesa da sociedade*), e um dos volumes em português da coleção *Ditos e Escritos* (vol. IV).

Saliento que ao tratar do discurso não pretendo fazer uma epistemologia e sim um diagnóstico proposto por Foucault acerca do mesmo. Evidentemente há uma epistemologia em Foucault e não nego isto.

Todavia, por *episteme*, Foucault “entende conjunto das relações que pode unir, em uma época dada, as práticas discursivas que dão lugar a figuras epistemológicas” (FOUCAULT, 1972. P.231). Nesta perspectiva, “uma das formações discursivas situa e opera as passagens à epistemologização, à cientificidade, à formalização”. (FOUCAULT, 1972. P.231-232). Sendo assim,

Episteme não é uma forma de conhecimento, ou um tipo de racionalidade que, atravessando as ciências mais diversas, manifestaria a unidade soberana de um sujeito, de um espírito ou de uma época; é o conjunto das relações que se pode descobrir, para uma época dada, entre as ciências, quando são analisadas ao nível das regularidades discursivas. (FOUCAULT, 1972. P. 232).

Tendo em vista que Foucault não está interessado em dizer o que podemos conhecer, como se conhece e se as preposições são verdadeiras ou falsas. Proponho ao leitor uma interação com o professor para descobrir qual é o seu interesse, contudo alerto-o, pois Foucault muda a história daqueles que interagem com ele. Pois bem, um dos interesses de Foucault é fazer com que se defronte e questione-se o discurso que está sendo proferido, pois este de

alguma forma constitui-nos. Por conseguinte, Foucault definiu o discurso do seguinte modo.

Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que provêm da mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, independentemente repetível e de que poderíamos assinalar (e explicar, se for o caso) o aparecimento ou a utilização na história; é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência. O discurso assim entendido não é uma forma ideal e intemporal que teria, além do mais, uma história; o problema não consiste em se perguntar como e por que pode emergir e tomar corpo num determinado espaço de tempo; é, de parte a parte, histórico – fragmento de história, unidade de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade e não de seus surgimentos abrupto em meio às cumplicidades do tempo. (FOUCAULT, 1971, p.146-147).

Quando se trata do discurso (o professor nos exorta) é necessário olharmos os discursos como signos, materialidade, que se referem a determinados conteúdos, dissimulados, cheios de reais intenções escondidas nos e pelos textos, não imediatamente visíveis. Deste modo, não podemos conceber o discurso como fazia aquela “poeta” (Cássia Eller), “palavras apenas palavras pequenas”. Assim, não podemos conceber o discurso como coisa, palavras jogadas ao vento sem significado algum.

Todavia, exercer uma prática discursiva significa falar segundo determinadas regras, e expor as relações que se dão dentro de um discurso. Tentarei elucidar esse fato com um exemplo no âmbito antropológico, ou seja, comum a todos os homens. O fato, ou ato de comunicar é um sinal de pertença a uma determinada “tribo”. O modo de falar, o jeito de agir diz que você pertence a determinado espaço, a determinada realidade, ou se preferirem comunidade. E dentro desta comunidade temos certos meios de fala, que caracteriza-nos como pertencente a mesma. Porém, se porventura não condizermos-nos àqueles moldes estaremos fora da comunidade, ocorrerá uma exclusão. Convido o leitor a pensar este mesmo exemplo em um viés político. Note-se que estas realidades são um meio de padronização, de uniformidade e classificação que é intermediado pelo discurso. Tendo em vista estes argumentos, destaco que o campo social geralmente não permite que você seja o que você é, a sociedade quer que sejamos outra coisa, não nós mesmos. Daí a questão levantada por Foucault que adiante retomaremos, a

questão é simples, embora com significados profundos da qual mereça nossa reflexão: quando você tornou o que você é?

Foucault trabalha o discurso de modo perspicaz, exortando-nos a questionar o óbvio, sacudir as evidências, ou seja, aquilo que já está dado, o nosso modo de organizarmos nas cidades, nos espaços abertos e fechados enfim, a forma que tomamos algo como verdadeiro. Ele interroga o solo dos quais determinadas coisas podem ser ditas, determinados discursos podem aflorar e outros não. Nota-se ainda que, o discurso é selecionado, controlado para circular em todo o campo social, a consequência disto é que alguns discursos são acessíveis a todos e outros não. A este processo Foucault chamou de interdição.

Este [interdição] tem a incumbência de conjurar seus poderes dominando seus acontecimentos. Há, portanto, três tipos de interdição formando uma grade complexa que se modificam constantemente. A interdição é que nem todos tem o direito de dizer tudo, que não pode falar em qualquer coisa em qualquer circunstância. (FOUCAULT, 1996, P. 9).

Para Foucault, os lugares onde o discurso é mais desejado como verdadeiro são o âmbito da política e da sexualidade. Nestes os discursos exercem seus poderes, ou seja, constituem os sujeitos de modo mais claro.

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espanto, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas por que, pelo qual se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. (FOUCAULT, 1996, p. 10).

Tendo visto que a interdição é a “proibição” da palavra, adentraremos na ótica de exclusão que está de alguma forma ligada a interdição, para termos noção do que se refere a exclusão apresentada a figura do louco, que é o nosso próximo tópico.

1.2– O discurso acerca do louco

Evidentemente há diversos meios de exclusão, porém destaco dois apontados por Foucault: a separação e a rejeição. A figura do louco nos possibilitará visualizar estes dois pólos. Contudo, faço somente menção ao louco, não farei uma abordagem com afinco, pois este não é o centro do trabalho, o itinerário principal é Foucault.

Antes de tudo saliento que o meu interesse em abordar o louco não é epistemológico, sendo assim, proponho uma reflexão - apoiado em Foucault - de como a vontade de ter um discurso verdadeiro constitui a figura do louco.

Ressalto algo muito significativo, evidentemente na minha perspectiva, que é o fato de Foucault ter os seus livros como uma espécie de biografia, e dentre elas a de mais importância para ele, são: *Vigiar e punir*, *História da loucura* e os seus três volumes de *História da sexualidade*. Julgo importante esta informação, pois, assim conseguimos conhecer Foucault.

Pois bem, Didier Eribon no seu livro, *Michel Foucault e seus contemporâneos*, traz a tona uma declaração quando Foucault visitou os Estados Unidos, em 1982. Segue a declaração, “cada um dos meus livros é parte de minha história. Por uma razão ou por outra, tive a ocasião de viver e sentir essas coisas” (1994, p. 41). Enquanto a possibilidade de estudar a loucura diz o seguinte.

Nos anos 50, eu trabalhava em um hospital psiquiátrico. Depois de estudar filosofia, queria ver o que era a loucura: tinha sido bastante louco para estudar a razão, era bastante sensato para estudar a loucura. Eu não tinha função precisa, e podia circular livremente entre os doentes e vigilantes. Era a época da eclosão da neurocirurgia, do início da psicofarmacologia, o reino da instituição tradicional, no começo, aceitava essas coisas como necessárias, mas ao fim de três meses (tenho o espírito lento!), “perguntei: qual a necessidade deles?” depois de três anos, abandonei esse trabalho e partii para a Suécia, com um sentimento de profundo mal-estar, e comecei a escrever uma história dessas práticas. (FOUCAULT apud ERIBON, 1994, p.40).

O filósofo francês no ano de 1961 desenvolve sua tese de doutorado, fazendo um diagnóstico do discurso do louco e acerca do louco. A referida tese teve o título de: *Loucura ou desrazão; História da loucura clássica*. Nesta tese, dentre outras coisas, Foucault argumenta que o louco não é desprovido de

razão, o louco tem uma racionalidade, obviamente diferente dos demais. Onze anos depois esta tese foi publicada com o título: *História da loucura na época clássica*.

Nesta, de modo geral, o professor mostra que o nascimento de saberes toma como objeto o “homem louco não no esforço de atingir um patamar de verdade mais elevado, mas de controle dos indivíduos que é acusado de tal doença como os que estão na cidade”. (PINHO, V. 6, pag. 16). Ora, “o conceito moderno de loucura não resulta de um processo de aprimoramento de saber médico, nem sequer de um aumento do senso humanitário” (PINHO, V. 6, pag. 16), pois até hoje os homens ditos loucos são tratados como animais.

Trata-se então, de radicalização de um processo de desqualificação da loucura dos pontos de vista discursivos (total possibilidade de pensar), ontológico (torna-se o não-ser, pura negatividade), moral (é da ordem do defeito, da vergonha, do escândalo), e por fim institucional (deve ser mantida enclausurada, afastada de qualquer cidade). (PINHO, V. 6, pag. 16).

O hospício era o local onde colocavam os loucos. Por conseguinte, saliento que a lepra era presente no período clássico, sendo que, quando sanada, não tinha muito que fazer com os leprosários, então mandava os loucos para lá. (surge também a instituição que conhecemos como hospital, que era o local aonde as pessoas iam para morrer).

O asilo é um domínio religioso sem religião, domínio da moral pura, da uniformização ética. O asilo deve figurar agora a grande continuidade da moral social. Os valores da família e do trabalho, todas as virtudes reconhecidas, imperam no asilo. O asilo reconduzirá as diferenças, reprimirá os vícios, extinguirá as irregularidades. Denunciará tudo aquilo que opõe às virtudes essenciais da sociedade. (FOUCAULT, 1989, p. 519).

O que Foucault questiona é o fato de a loucura tornar-se doença mental, pois a loucura tratada como doença mental é possível estudar o louco para extrair verdades e encontrar sua natureza, coisa que Foucault não aprova. No livro, *História da Loucura* Foucault diagnostica que durante cada época percebe a loucura como um objeto diferente de saber. Assim comenta o filósofo Cesar Candiotto.

Cada época percebe a loucura como um objeto diferente para o saber: os renascentistas a apreendem como possessão demoníaca

mediante o quadro de uma experiência cósmica; os clássicos a entendem como desrazão a partir do quadro de uma experiência ontológica; os modernos a objetivam como doença mental a partir do quadro de uma experiência antropológica. E complementa: “não é o sujeito racional e livre aquele capaz de definir e interpretar a loucura”. Somente na experiência, formada por discursos e práticas de cada época, é que se pode mostrar a constituição do sujeito louco”. Foucault questiona o fato de a psiquiatria do começo do século XIX “ter transformado a privação da liberdade do louco, por ocasião da reforma social do internamento, em natureza da loucura, em doença, objeto de tratamento psiquiátrico”. Assim, tirar o louco de circulação, internando-o no asilo, significa tirá-lo do espaço da desordem para o da ordem, sujeito à ortopedia moral, à constante vigilância por um “olho anônimo, a uma maquinaria que vigia e corrige”.(CANDIOTTO, 2011, p. 5).

Nota-se que, com a necessidade de excluir o louco, surge então o internamento. Sendo que, o papel do internamento é o de reduzir à sua verdade; “a verdade da loucura é aquilo que ela é, menos o mundo, menos a sociedade; menos a contra natureza. Essa verdade da loucura é o próprio homem naquilo que ele pode ter de mais primitivamente inalienável”. (FOUCAULT, 1989, p. 608).

Pode-se afirmar que, o louco não se encaixava no padrão da sociedade, então era necessário excluí-lo, para proteger os demais cidadãos da “doença”. Esta exclusão não tinha nenhum rigor: se o indivíduo não correspondesse a aquele padrão estava fora da cidade.

Na Itália, neste período (medieval), os leprosos cresciam de maneira avassaladora, o administrador da cidade eleito, deveria fazer uma visita a cidade e fazer uma vistoria para expulsar os supostos leprosos, quando eram expulsos deveria abnegar os seus bens, deixando para a família, ou para a cidade caso não tivesse família.

O problema é que muitas vezes os indivíduos não eram leprosos, o que acontecia e com muita frequência era que um vizinho observava outro com uma cicatriz e então dizia que aquilo era fruto da lepra, quando o administrador ia visitá-lo, dizia que o vizinho tinha lepra, e então este era expulso da cidade.

Visualizamos a vigilância, tanto da instituição, quanto a dos cidadãos. As instituições vigiam para extrair verdades do sujeito e os cidadãos vigiam uns aos outros para defender-se. A respeito deste segundo modo de vigilância,

Foucault nas conferências dada no Rio de Janeiro, no ano de 1973, denominou como *Lettre-de-cachet*. “A *Lettre-de-cachet* não era uma lei ou um decreto, mas uma ordem do rei que concernia a uma pessoa, individualmente, obrigando-a a fazer alguma coisa. [...] Na maioria das vezes, porém, ela era um instrumento de punição”. (FOUCAULT, 2002, p. 95).

As dezenas de *lettres-de cachet* enviadas pela monarquia eram, na verdade, solicitadas por indivíduos diversos: maridos ultrajados por suas esposas, pais de família descontentes com seus filhos, famílias que queriam se livrar de um indivíduo, comunidade religiosa perturbadas por alguém, uma comuna descontente com seu cura, etc. Todos esses indivíduos ou pequeno grupo pediam ao intendente do rei uma *lettre-de cachet*; este fazia um inquérito para saber se o pedido era justificado.[...] *lettre-de-cachet* se apresenta, sob seu aspecto de instrumento terrível da arbitrariedade real, investida de uma forma espécie de contra poder, poder que vinha de baixo e que permitia a grupos, comunidades, famílias ou indivíduos exercer um poder sobre alguém. Eram instrumentos de controle, de certa forma espontâneos, controle por baixo, que a sociedade, a comunidade, exercia sobre si mesma. A *lettre-de-cachet* consistia portanto em uma forma de regulamentar a moralidade cotidiana da vida social, uma maneira do grupo ou dos grupos – familiares, religiosos, paróquias, regionais, locais, etc. – assegurarem seu próprio policiamento e sua própria ordem. (FOUCAULT, 2002, p. 96-97).

O pensador que gostava de ser comparado a um arqueólogo, escavando diversos temas que estavam escondidos nas catacumbas do tempo, superando pré-conceitos e rompendo com as estruturas estabelecidas e já dadas. Permita-me uma ressalva, observando o arqueólogo nota-se uma peculiaridade interessante que lhe é própria, não me refiro a paciência, mas o método de pesquisa deste profissional.

O arqueólogo delimita um espaço da qual seus estudos diz haver algo a ser descoberto, e então com suas ferramentas presta um serviço minucioso para descobrir uma ossada e quando a encontra, não se contenta, quer encontrar todo o esqueleto. É um trabalho difícil e requer muito tempo e estudos; esta é uma das características de Foucault, a busca incansável para escavar coisas que fora esquecida pela história.

Tendo em vista que a loucura clássica pertencia às regiões do silêncio, ou seja, ninguém falava dela, Foucault foi o pensador que tratou-a com mais

afinco, não buscando a natureza desta, mas tendo como capital a pessoa que era tida como louca.

Por conseguinte, nota-se que não havia uma linguagem da qual abarcava a loucura em si mesma, contudo, havia diversos textos que abordavam a loucura, sobretudo nos séculos XVII e XVIII, sendo que, nestes, ela era abordada no âmbito médico. (FOUCAULT, 1989, p. 560). Assim “a verdade acerca da loucura era abafada do erro; é considerada obliquamente, em sua dimensão negativa, porque é uma prova ao contrário daquilo que é, em sua natureza positiva, a razão”. (FOUCAULT, 1989, p. 560). Deste modo, a loucura era restringida, ao olhar, - através da observação e da vigilância – a capacidade de conhecer a natureza profunda da loucura, dominá-la e extrair uma verdade,

Em si mesma, é coisa muda: não existe, na era clássica da literatura da loucura, no sentido em que não há para a loucura uma linguagem autônoma, uma possibilidade de que ela pudesse manter uma linguagem que fosse verdadeira. Reconhecia-se a linguagem secreta do delírio; faziam-se, sobre ela, discursos verdadeiros. Mas ela não tinha o poder de operar por si mesma, por um direito primitivo e por sua própria virtude, a síntese da linguagem e da verdade. Sua verdade só podia ser envolvida num discurso que lhe permanecia exterior. (FOUCAULT, 1989, p. 560).

Assim conclui que, “a loucura é a ausência de razão, mas ausência que assume forma de positividade, numa quase-conformidade, numa semelhança que engana sem que, no entanto consiga enganar. O louco afasta-se da razão, mas pondo em jogo imagens, crenças, raciocínios encontrados, tais quais no homem de razão”. (FOUCAULT, 1989, p. 206). Nesta perspectiva, o indivíduo não pode ser louco para si mesmo, ou seja, não denomina-se como louco, entretanto, é necessário alguém que distinga o exercício da razão. Sendo assim, a razão pode questionar a loucura, mas a loucura não pode questionar a razão.

Pode-se então, formular tal questão, o que é a loucura? Ora, muitos tentaram dar resposta a esta questão, entretanto, sabe-se o que gerou estas respostas, isto é, a figura do louco que é uma destas respostas. Ora, não tem quem ouse dizer o que é a loucura, mas no período em que se estudara o que seria a loucura, faziam uma dicotomia entre o louco e a loucura, assim, faziam

uma análise da doença sem permitir que o louco falasse de si em sua existência concreta. O indivíduo não podia dizer que é louco, outro o acusava, nesta mesma medida, é a razão que cria a loucura. Com estes argumentos pode-se afirmar que a razão de algum modo pode questionar a loucura, mas a loucura não pode questionar a razão.

Para Foucault o século XVIII percebe o louco, mas deduz a loucura, ou seja não busca a singularidade do louco, porém extrai a verdade, assim o que encontra não é a loucura, mas a presença da razão e não razão. “E aquilo a partir do que reconstrói, a loucura não é a múltipla experiência dos loucos, é o domínio lógico e natural da doença, um campo de racionalidade”. (FOUCAULT, 1989, p. 207). Portanto, a loucura não é uma privação da racionalidade, pois um homem que julga ser Jesus Cristo não aceita ser chamado de Sócrates.

Do mesmo modo, que nunca se tem certeza de não estar sonhando, nunca existe uma certeza de não ser louco. Sendo assim, “como não existe para a loucura a certeza de estar louca, há aí uma loucura mais geral que todas as outras que obriga, pela mesma razão que a loucura, a mais obstinadas das sabedorias”. (FOUCAULT, 1989, p. 608).

Tendo em vista os argumentos esboçados acima, pode-se afirmar que, a loucura é o lado desaparecido da ordem, e, esta faz o homem ser de fato o que se é, mesmo contra a sua vontade. A loucura acarreta em si uma sabedoria da qual o homem não se conhece. Assim, a loucura expressa a sua verdade por si própria, porém é uma verdade que não necessita de métodos para revelar; exemplificando, é semelhante a bebida que faz o sujeito revelar o que ele tem de mais oculto.

Por conseguinte, o capítulo II, “*A grande internação*”, da obra *História da loucura*, Foucault onde aborda Descartes, é um diálogo que Foucault faz com referido filósofo, com o seguinte propósito: “o louco pode ser sujeito, de acordo com o referente cartesiano, ou antes, ele é um fantoche, massa de modelar enformada pelas contingências sociais e históricas?” (MENEZES, V. 6, p.30). A questão abordada por Foucault é a seguinte: há sujeito onde há loucura? O autor indica sem rodeios, o destinatário direto de sua análise: René Descartes,

instalador do paradigma sob o qual todo fazer ciência se implementa e que teve seu método seguido por diversos médicos, psiquiátricos, psicólogos, psicanalistas.

O pensamento de Foucault é uma boa ferramenta para questionar a modernidade, pois contesta Descartes e toda a modernidade, em relação as questões relativas à construção do saber. Um dos signos de Foucault é que este não se interessa pelo homem como categoria genérica. Ao contrário, seu olhar se direciona para o homem concreto, performado por dispositivos de conhecimento.

Sendo assim, Foucault propõe escavar a loucura sob as camadas superpostas pelos saberes que dela se apossaram, demonstrando como a constituição destes saberes ocorrem e desfiguram o louco. Na leitura de Foucault, Descartes coloca lado a lado, o sonho, o erro e a loucura. Então, Foucault indaga: “será que essa possibilidade de ser louco não faz com que ele corra o risco de se ver despojado da posse do seu próprio corpo, assim como o mundo exterior pode refugiar-se no erro, ou a consciência adormecer no sonho?” (MENEZES, V. 6, p. 31).

Pois, o sonho não impede a afirmação do cogito, sendo que, o sonho pode ser erros advindos dos sentidos, deste modo, posso duvidar dos resultados que adquirei sonhando, assim como resulta do erro.

Todo o esforço de Descartes, ressalta Foucault, reside na blindagem do *Cogito* contra os perigos da loucura que tudo dissocia. Pois a loucura torna-se o obstáculo absoluto para o pensamento: para que este possa ocorrer e afirmar a existência do *Cogito*, é preciso excluir essa ameaça mais radical. É como explica Foucault: se o homem pode ser sempre louco, o pensamento como soberania de um sujeito poder conhecer a verdade de tudo que percebe, não pode ser insensato. (MENEZES, V. 6, p.32).

A razão de algum modo pode conviver com as ameaças do sonho e do erro, porque estes não ameaçam os recursos recorrentes e necessários à razão. “Mas a loucura é banida porque interdita, na origem, a possibilidade do exercício racional, o pensamento que se modula através da dúvida. O louco não é capaz de duvidar. Logo, não pensa. Se não pensa”... (MENEZES, V. 6, p.32)

Portanto, a grande conjuração da loucura é o programa cartesiano da dúvida de Descartes.

Descartes fecha os olhos e tapa os ouvidos para melhor ver a verdadeira claridade do dia essencial; com isso, ele se garante contra o ofuscamento do louco que, abrindo os olhos, vê apenas a noite e, nada vendo, acredita ver quando na verdade imagina. Na uniforme claridade de seus sentidos fechados, Descartes rompeu com todo fascínio possível e, se vê, ter a certeza de ver aquilo que está vendo. Enquanto isso, diante do olhar do louco, embriagado com uma luz que é noite, surgem e multiplicam-se imagens, incapazes de criticarem a si mesmas (pois o louco as vê) mas irremediavelmente separadas do ser (pois o louco nada vê). (FOUCAULT, 1989, p. 244).

Para Foucault, “a partir do século XVII, momento em que concebera a loucura como doença mental, a loucura se deslocou imperceptivelmente na ordem das razões” (FOUCAULT, 1989, p.198). Deste modo, o que antes estava nas regiões do silêncio, agora aflora através de discursos, constituindo pessoas alienadas de si mesmo. Então, “a natureza da loucura consiste em ser uma secreta razão – pelo menos, em não existir a não ser para ela e por ela, de só ter no mundo uma presença preparada antecipadamente pela razão e já alienada nela”. (FOUCAULT, 1989, p.198).

1.3- A vontade de saber

Adiante temos a vontade de saber médica, a vontade de verdade, o poder da instituição. Sendo que esta última, é fundamental para construir verdades acerca de “sujeitos”. A instituição é o local onde faz se a verdade sobre o louco, o detento, a prostituta e etc.

Tanto a vontade de verdade, como os outros sistemas de exclusão, apóia-se sobre um suporte institucional e jurídico. Sendo que, o importante é como estes são reconduzidos e aplicados em uma sociedade, o modo como é valorizado, distribuído, repartido.

Como exemplo do que foi citado no tópico anterior, temos a clínica. “A clínica não é um instrumento para descobrir uma verdade ainda desconhecida; é uma determinada maneira de dispor a verdade já adquirida e de apresentá-la para que ela se desvele sistematicamente”. (FOUCAULT, 1998, p. 66).

Tendo como pressuposto que as práticas discursivas formam os sujeitos, incito o leitor a pensar a questão levantada por Foucault: *quando tornamos o que somos?* Pois é através dos discursos que somos formados, discurso este: religiosos, políticos, econômicos... Enfim, coisas que ouvimos e julgamos verdadeiros e aceitamos para a nossa vida e vivemos segundo tais moldes.

Suponhamos que o mundo é um ditador de regras, pelas quais nos faz pensar segundo o seu querer, nesta perspectiva quem nasceu pensando que é pássaro não questiona poder ser outra coisa, vive eternamente como pássaro. Para elucidar convido-o a pensar na situação que a maioria de nós conhece de nossa infância: a pobre criança que, numa tarde de domingo, tem que visitar a avó em vez de ter permissão para brincar com seus amigos.

A mensagem do *pai antiquado* e autoritário para a criança relutante teria dito: “não me importa o que você sente. Simplesmente cumpre o seu dever, vá à casa de avó e comporte-se lá! Neste caso, a situação da criança não é nada má. E embora, obrigada a fazer algo que claramente não quer, conservará sua liberdade interna e a capacidade de (mais tarde) se rebelar contra a autoridade paterna. Muito mais difícil teria sido a mensagem de um *pai “não autoritário”* pós-moderno dizendo: “você sabe como sua avó o ama!” Mesmo assim, não quero obrigá-lo a nada – vá apenas se realmente quiser!” Todas as crianças que não sejam tolas (isto é, a maioria delas) reconhecerão a armadilha dessa atitude permissiva: sob a aparência da livre escolha há uma exigência ainda mais opressiva que aquela formulada pelo pai autoritário tradicional. Há, uma injunção implícita não só de visitar a vovó, mas de fazê-lo voluntariamente, pela livre vontade da criança. Uma falsa livre escolha como essa injunção obscena do “supereu”: ela priva a criança até de sua liberdade interior, prescrevendo não só o que deve fazer, mas o que deve querer fazer. (ZIZEK apud LACAN, p. 114).

Em suma, a sociedade não permite que você seja o que você é, contudo convida a todos a fazer tudo que o quer. Nota-se que os discursos que afloram na sociedade ensinam-nos a fazer o que queremos e não a descobrir quem somos. Foucault exortar-nos a questionar o que somos ou o que dizem que somos, pois muito do que julgamos ser são através de práticas discursivas religiosas, econômica, política e científica que fizeram sobre nós.

Isto é possível graças aos dispositivos, que circula no campo social. Contudo, ressalto aqui a ciência como constituidora de sujeitos. “Para a constituição de uma ciência é necessário um conjunto de elementos, formados de maneira regular por uma prática discursiva, que podemos chamar de saber”. (FOUCAULT, 1972 p. 220-221).

Já na obra *O nascimento da clínica*, Foucault diz que, o saber é uma prática discursiva especificada e também é um espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso. Neste sentido, o saber da medicina clínica é o conjunto das funções de observação, registro e decisão, que pode exercer o sujeito do discurso médico.

A clínica, incessantemente invocada por seu empirismo, a modéstia de sua atenção e o cuidado com que permite que as coisas silenciosamente se apresentem ao olhar sem perturbá-las com algum discurso, deve sua real importância ao fato de ser uma reorganização em profundidade não só dos conhecimentos médicos, mas da própria possibilidade de um discurso sobre a doença. A discreção do discurso clínico (proclamada pelos médicos: recusa teoria, abandono dos sistemas, não-filosofia) remete às condições não verbais a partir de que ele pode falar: a estrutura comum que recorta e articula o que se vê e o que se diz. (FOUCAULT, 1998, prefácio, XVIII).

O saber é também o campo de coordenação e de subordinação dos enunciados em que os conceitos aparecem, se definem, são aplicados e se transformam. Nesta perspectiva, Foucault – na sua aula inaugural - mostra que o saber da história natural, no século XVII, não é a soma do que foi dito, é o conjunto dos modos e dos lugares segundo os quais pode-se integrar ao já dito qualquer enunciado novo. (FOUCAULT, 1996, p. 31-32).

Assim, o discurso ganha uma roupagem nova, de acordo com local em que é proferido. Nesta perspectiva, o saber se define pela possibilidade de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso.

Por conseguinte, afirma Foucault que “o sistema de exclusão é a parte do que põe em jogo o poder e desejo. O discurso tem seu próprio controle, sobretudo a título de princípios de classificação, de ordenação, de distribuição”. (FOUCAULT, 1996, p. 21). Aclarando acerca do discurso, Foucault diz que existem duas dimensões do discurso, o acontecimento e o acaso. O acaso do discurso permite algo além do texto mesmo. Isto possibilita a multiplicidade de

discurso, fazendo que muito deles se repita e seja comentado, deste modo, o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de seu retorno.

Dentro desta dinâmica da circulação do discurso, temos o comentador, mesmo não tendo técnicas empregadas de dizer o que está silenciosamente no texto primeiro. Este desenvolve um papel fundamental que é de permitir construir novos discursos fundando uma possibilidade de falar. É pelo comentário que surge novas possibilidades de argumentos de modo diferente. O evangelho é o exemplo que Foucault utiliza. Por conseguinte,

O comentário são narrativas maiores de que se contam, e repetem e faz variar, formular textos, conjuntos ritualizados de discursos que se narram, bem determinadas; coisas ditas uma vez e que se conservam, porque nelas se imagina haver algo como um segredo ou uma riqueza". (FOUCAULT, 1996, p. 22).

Dentro deste panorama apresentado, encontram-se ostextos religiosos ou jurídicos que estão na origem de certo número de "atos novos de fala que retornam, os transformam ou falam deles, ou seja, os discursos que, indefinidamente, para além de sua formação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer".(FOUCAULT, 1996, p. 22). Estes discursos (jurídico e religioso) são o que de modo acentuado mais forma o sujeito, ou seja, cria verdades acerca deste, ressaltando que o jurídico de algum modo sobressai a todos os outros discursos, se porventura nos for permitido, isto é, se não houver a interdição abordar-se-á está querela.

Dando continuidade no desenvolvimento do trabalho, ressaltarei, contudo não de forma veemente, o autor. Ora, quando digo isto, afirmo que não irei abordar com afinco, ou talvez, não do modo como todos ou muitos estão acostumados, ou seja, não levantarei aquelas questões que se segue. Tendo em vista que o discurso em algum momento depois de proferido ultrapassa que proferiu, como podemos conceber o autor na perspectiva de Foucault? Ou então, qual o papel do autor no pensamento de Foucault? Pois bem, não tenho intuito de responder tais questões, ou outras da mesma natureza. O meu

objetivo ao tratar do autor é destacar o discurso, isto é, convidando-o a não olhar o autor e sim o discurso, que está sendo construído.²

Tendo aclarado um dos objetivos, adentro no elemento principal do discurso, o autor. Sabemos que para Foucault o “autor é o princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência”. (FOUCAULT, 1996 p.28). Assim, “autor é aquele que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção do real”. (FOUCAULT, 1996 p.26). Por fim, “O autor científico a partir do século XVII perde este caráter e só funciona para dar um nome a um teorema, um efeito, um exemplo”. (FOUCAULT, 1996 p.27).

Abordo o autor de modo que quem não conheça o pensamento de Foucault entenda do que eu falo, e quem conhece tenha possibilidade de adentrar e desenvolver seu pensamento acerca de tal tema.

Depois de ter dado o mapa para que não nos percamos na aventura de desvendar o pensamento de Foucault, destaco as organizações das disciplinas. Estas apoiam-se tanto no princípio do autor como ao comentário. Sendo que, a disciplina como princípio de limitação permite construir discursos, mas conforme um jogo restrito, sob regra e ritual.

O comentário limita o acaso do discurso de uma identidade que teria a forma de repetição do mesmo. “O princípio do autor limita esse mesmo acaso pelo jogo de uma identidade que tem a forma da individualidade do eu”. (FOUCAULT, 1996, p. 29). Enquanto o autor define por um domínio de objetos, conjuntos de métodos proposições verdadeiras, um jogo de regras e de definições, de técnicas e de instrumentos, o comentarista constrói novos enunciados.

²Porém, aqueles que se interessarem em estudar ou conhecer com mais afinco a questão do autor, procurem o livro de Foucault da coleção *Ditos e Escritos*, volume III, a partir da página 265, da editora Forense universitário, 2ª edição.

Nota-se a importância do comentador para a construção de novos saberes. Pois, para que haja disciplina é necessário que haja possibilidade de formular proposições novas e estas devem ser, ou tida, como verdadeiras. Assim, a disciplina não é a soma de tudo que pode ser dito de verdadeiro sobre alguma coisa, deve-se considerar os erros; assim “a disciplina não é o conjunto de tudo o que pode ser aceito a propósito de um mesmo dado em virtude de um princípio de coerência ou de sistematicidade”. (FOUCAULT, 1996, p. 31). Nesta perspectiva:

A medicina não é constituída de tudo que pode dizer de verdadeiro sobre a doença; a botânica não pode ser definida pela soma de todas as verdades que concerne às plantas. Há, para isso, duas razões. Primeiro a botânica ou a medicina, como qualquer outra disciplina, são feitas tanto de erros como de verdades, erros que não são resíduos ou corpos estranhos, mas que tem função positivas, uma eficácia histórica, um papel muitas vezes indissociável daquele das verdades. (FOUCAULT, 1996, p. 31).

Todavia, a proposição para pertencer a tal disciplina é necessária corresponder as condições, as exigências tendo de corresponder e possibilitar determinados resultados.

Na obra *Arqueologia do saber*, Foucault diz que a “partir do século XVII, para uma proposição corresponder uma disciplina era necessário que ela dissesse respeito às estruturas”. (FOUCAULT, 1972 p.221). E segue afirmando que “a partir do século XIX, uma proposição que não era médica ela caía “fora da medicina” e adquire valor de fantasma individual ou de credence popular” (FOUCAULT, 1996, p.32).

A partir destes dados históricos apresentados por Foucault, Percebe-se as metamorfoses do saber científico. Estes saberes que perderam seus valores científicos, Foucault denominou como “saberes sujeitados”, sendo que, por saberes sujeitados entende uma “serie de saberes desqualificados como saberes não conceituais, como saberes insuficientemente elaborados: saberes ingênuos, saberes hierarquicamente inferiores, saberes abaixo do nível do conhecimento ou da cientificidade requeridos”. (FOUCAULT, 2005 p. 12).

1.4– Regras dos discursos

Foucault nos diz que o discurso tem seus rituais, seus modos de distribuir, nos seus textos em que aborda a temática do discurso, ele ressalta que cada discurso reconhece proposições verdadeiras e falsas. (FOUCAULT, 1996, p.32). Assim, “uma proposição deve preencher exigências complexas e pesadas para poder pertencer ao conjunto de uma disciplina; antes de poder ser declarada verdadeira ou falsa, deve encontrar no verdadeiro”. (FOUCAULT, 1996, p. 33-34).

Nesta perspectiva, para um discurso ser aceito como verdadeiro, deve estar contido no verdadeiro, ou seja, no discurso de nossa época. O discurso que não corresponde àquela época não é aceito, nesta perspectiva podemos apontar para outros horizontes, o viés do pensamento. Deste modo, pode-se afirmar que, cada época exige uma forma de pensamento, da qual não pode transgredir aquela realidade.

Nota-se que este diagnóstico é feito de alguma forma ou modo, por Nietzsche, porém não adentrarei em tal pensador e não levarei adiante tal questão, contudo deixo a janela aberta, para que caso alguém se sinta atraído possa entrar e por conseguinte, se aprofundar em tal questão.

Temos então regras para o discurso e para o pensamento e só podemos “encontrar o verdadeiro discurso e o pensamento aceito, obedecendo as regras de uma “polícia” discursiva que devemos reativar em cada um de nossos discursos”. (FOUCAULT, 1996, p. 35). Por conseguinte, “A disciplina é um princípio de controle da produção do discurso. Ela lhe fixa os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente das regras”. (FOUCAULT, 1996, p. 36).

Como vimos acima, a disciplina tem seu desenvolvimento na fecundidade de um autor e na multiplicidade dos comentários, tendo recursos infinitos para a criação de discurso. Todavia, ressalto ainda outra vertente do

procedimento do controle de discurso, “a determinar das condições de seu funcionamento, impondo aos indivíduos no qual pronunciam certo número de regras e assim de não permitir que todo mundo tenha acesso a eles” (FOUCAULT, 1996, p. 36). Para entender esta dimensão mencionada acima, uso um exemplo, que é de conhecimento de todos ou muitos.

Ora, quando vou ao mercado ou a qualquer realidade de troca de valores que você imaginar, nestes, compro um objeto e neste encontra-se imbuído os juros, o produto, embora esteja baixo os juros que pagamos compensa o baixo valor. Ora, parece banal tal exemplo, contudo peço-o que volte o olhar não para o produto, porém para os juros, pois quando deparamos com tais realidades o que olhamos é o objeto desejado e não o que está por detrás e entre o objeto, ou seja, o que faz dele preço baixo. Direciona-se este exemplo para o âmbito do discurso, é semelhante se não a mesma coisa, olhamos o discurso e não o que esta impregnado nele. Sendo assim, o controle de discurso reduz o sujeito que fala, ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfazer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo.

Consequentemente, a troca e a comunicação são figuras positivas que atuam no interior de sistemas complexos de restrições; e, sem dúvida, não poderiam funcionar sem estes. O ritual é a forma mais superficial e mais visível desses sistemas de restrições a serem constituídos. “Os discursos religiosos, judiciários, terapêuticos, em parte também, político, não podem ser dissociados dessa prática de um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos”. (FOUCAULT, 1996, p. 39).

O ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciados); define gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar os discursos; fixa enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aquele aos quais se dirigem, os limites de seu valor decoerção. (FOUCAULT, 1996, p. 39).

Por conseguinte, Foucault aponta para as chamadas “sociedades de discurso”, “que tem a incumbência de conservar ou produzir discursos, mas

para fazê-los circular em um espaço fechado, distribuindo-os segundo regras restritas, sem que seus detentores sejam despossuídos por essa distribuição”. (FOUCAULT, 1996, p. 39). Por sua vez a doutrina destes tende a difundir-se pela partilha num mesmo conjunto de discursos que indivíduos, tão numerosos definem sua pertença recíproca daquela comunidade.

A condição requerida é o reconhecimento das mesmas verdades e aceitação de certa regra de conformidade com os discursos válidos, os sujeitos que estão dentro desta comunidade tem que viver os preceitos pregados, com o máximo empenho possível. As doutrinas tem um caráter diferente, embora não muito, das disciplinas científicas.

A doutrina liga os indivíduos a certos tipos de enunciação e lhes proíbe, conseqüentemente, todos os outros; mas ela se serve, em contrapartida, de certos tipos de enunciação para ligar indivíduos entre si e diferenciá-los, por isso mesmo, de todos os outros. A doutrina realiza uma dupla sujeição: dos sujeitos que falam aos discursos e dos discursos ao grupo, ao menos virtual, dos indivíduos que falam. (FOUCAULT, 1996, p. 43).

Na aula inaugural, Foucault diz, “é preciso reconhecer que grandes planos no que poderíamos dominar a apropriação social do discurso”.(FOUCAULT, 1996, p. 43).Deste modo, Foucault faz uma “separação entre os rituais da palavra, as sociedades do discurso, os grupos doutrinários e as apropriações sociais”. (FOUCAULT, 1996, p. 44). E continua dizendo: “em grande parte do tempo, eles se ligam entre si e constituem espécies de grandes edifícios que garante a distribuição dos sujeitos que fala dos diferentes tipos de discursos e a apropriação de discursos por certas categorias de sujeitos”. (FOUCAULT, 1996, p. 44).

Em relação a educação como formação Foucault faz a seguinte declaração:

Sabe-se que a educação, embora seja, de direito, o instrumento graças ao qual todo o indivíduo, em uma sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso, segue, em sua distribuição, no que permite e no que impede, as linhas que estão marcadas pela distância, pelas oposições e lutas sociais. Todo sistema de educação é uma maneira política de manter e modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo. (FOUCAULT, 1996, p. 43).

Tendo em vista, a relação que ocorre as vezes, entre, rituais da palavra, sociedades do discurso, os grupos doutrinários e a apropriação dos discursos, percebe-se que, estes devem ser tratados como prática descontínua que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem, possibilitando as relações de poder.

1.5– DISCURSOS DISCURSADOS

Antes de tudo ressalto as diversas leituras que fazem dos estudos do professor Foucault, que variam as conclusões, refiro-me aqui, as definições que mencionei no início do capítulo, dos três momentos de Foucault que alguns leitores fazem, isto é, o arqueológico, o da genealogia e da ética.

Estes momentos da genealogia e da arqueologia permitiram ao professor uma abordagem de diversos problemas. Conclui-se que, no momento da arqueologia Foucault está interessado nas chamadas ciências humanas, ou seja, em todas as ciências que tomam o homem como seu objeto.

Analisando a história Foucault utiliza de dois conjuntos para tal, o crítico e genealógico. O conjunto crítico “põe em prática o princípio de inversão procurando cercar as formas da exclusão, da limitação, da apropriação, mostrar também como se deslocaram, que força exerceram efetivamente e em que medida formam contornadas”. (FOUCAULT, 1996, p. 60). Enquanto o “conjunto genealógico põe em prática os três outros princípios: como se formaram, através, apesar, ou com apoio desses sistemas de coerção, séries de discursos; qual foi a norma específica de cada uma e quais foram suas condições de aparição, de crescimento, de variação”.(FOUCAULT, 1996, p. 60).

Por conseguinte, “o discurso eficaz, o ritual discurso, carregado de poderes e de perigos, ordena aos poucos uma separação entre discurso verdadeiro e falso”.(FOUCAULT, 1996, p. 62). Temos esta distinção entre

discurso verdadeiro e falso de modo visível na ciência. “A ciência do olhar, da observação, da verificação tem uma certa filosofia natural inseparável, possibilitando o surgimento de novas estruturas políticas, inseparável também da ideologia religiosa: culminando numa nova forma da vontade de saber”.(FOUCAULT, 1996, p. 62).O interesse de Foucault é “medir o efeito de um discurso com pretensão científica – discurso médico, psiquiátrico, discurso sociológico também – sobre o conjunto de práticas e de discursos prescritivos que o sistema penal constitui”. (FOUCAULT, 1996, p. 63).

Foucault diagnosticando este discurso afirma que

A medicina do século XVI, não se tratava de assimilar as descobertas feitas ou os conceitos elaborados, mas detectar, na construção do discurso médico – mas também em toda a instituição que sustenta, transmite e reforça – como funcionaram os princípios do autor, do comentário e da disciplina. (FOUCAULT, 1996, p. 64).

Ao tratar da análise da história é importante salientar a parte genealógica da análise, que é um termo nietzschiano onde recorre a história para encontrar a gênese da coisa investigada. Segundo Nietzsche não há fatos, e sim interpretações. Já para Foucault todos os problemas filosóficos, científicos, sociológicos e antropológicos, são construídos por práticas discursivas e históricas.

Para Foucault diagnosticando a formação do discurso afirma que

Nas séries da formação efetiva do discurso procura apreendê-lo em seu poder de afirmação, e por aí entende-se não um poder que se oporia ao poder de negar, mas o poder de construir domínios de objetos, a propósito dos quais se poderia afirmar ou negar uma proposição verdadeira ou falsa.(FOUCAULT, 1996, p. 62).

Foucault é conhecido por fazer uma história do presente, daí a sua briga com os historiadores. Pois o historiador retrata um momento histórico e análise a partir de fatos ocorridos, enquanto Foucault traz a história para o presente questionando por que é desse jeito e não de outro. Assim, o discurso está situado num contexto mais vasto de práticas não discursivas, em particular as práticas de poder, e estas se dão pela disciplina.

Todavia, a disciplina é um conjunto de técnicas para governar seres humanos que, ao mesmo tempo, aumentam as suas capacidades e garantem um controle. Esse controle exige conhecimento minucioso do comportamento individual, e agora compreende-se que ciências humanas como a psicologia e a medicina se tornaram possíveis pela propagação do poder disciplinar, que é obtido com a sua ajuda. É neste contexto que a subjetividade é situada. Disciplinar pessoas é por sua vez transformá-las em determinados tipos de sujeitos, no sentido de levá-los a agir em concordância com normas e cânones disciplinares, ideais de comportamento que as ciências definem como normais, naturais ou essencialmente humanos.

Pode-se fazer diversas leituras de Foucault, uns fazem a partir destes três momentos supracitados, outros fazem pela área que é especialista, outros estuda-o na composição de seu pensamento, isto é, os pensadores que o ajudaram e influenciaram o seu modo de trabalho, temos então um foco mais amplo, contudo mais difícil de acompanhar, pois são muitos os pensadores que ajudaram Foucault a construir seu pensamento, são eles: Platão, Kafka, Hegel, Marx, Nietzsche, Husserl, Heidegger, Freud, Bachelard, Lacan e Kant, Dumézil, Jean-Paul Sartre, Jean Genet, Canguilhem, Gilles Deleuze, Merleau-Ponty, Henri Ey, Binswanger, Jean Hyppolite e etc.

Ora, esta informação parece desnecessária, mas “acarreta” muitos significados. Com esta limitam-se outras leituras, faço-me mais claro. Muitos leitores de Foucault caracterizam-o como nietzschiano e, de fato Nietzsche influenciou na vida pessoal e acadêmica de Foucault. Porém, outros autores também o fizeram. Assim sendo, se atribuir a Foucault o título de nietzschiano, temos também de denominá-lo como: platônico, kantiano, kafkiano e etc.

De fato, há diversos modos de ler Foucault, existem alguns leitores que ariscam lê-lo de acordo com o país em que se encontra, exemplo, quando esteve no Brasil na década de 70, dando uma conferência no Rio de Janeiro, falou sobre “*A verdade e o poder jurídico*”. Enquanto, a Suíça foi fundamental para desenvolver seu doutorado. Quando morou nos Estados Unidos, foi quando abordou a questão da prisão. Por conseguinte, no período em que

Foucault dedica a seus estudos à articulações de poder, saber e verdade, a este respeito tira tais conclusões:

A verdade não existe fora do poder ou sem poder (não é – não obstante um mito, de que seria necessário esclarecer a história e as funções – a recompensa dos espíritos livres, o filho das longas solidões, o privilégio daqueles que souberam se libertar). A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro. (Foucault, 1979, p.12).

O discurso tido como verdadeiro é portador de poder, que não possui identidade própria, porém está distribuído em todo campo social. E as instituições são qualificadas para determinar qual discurso é verdadeiro ou falso.

Pode-se ter diversas compreensões de poder em Foucault, *a relação de poder, produção de poder, a verdade e o poder e etc.* Nesta perspectiva, teríamos tais obras: *História da loucura, História da sexualidade I: a vontade de saber, As palavras e as coisas, Vigiar e punir, Arqueologia do saber e alguns textos de microfísica do poder.*

As diversas formas de perceber o louco e a loucura dependem das instituições sociais, dos reconhecimentos que estas empreendem sobre os indivíduos como sujeitos sociais. A loucura é produzida pela razão, que, em sua normatividade, através de seus enunciados discursivos, define como loucura, tudo que não corresponde a imagem que a razão tem si mesma. A loucura como monstruosidade (período clássico renascimento), loucura como doença mental (modernidade), a concepção de loucura possibilitou novos discursos sobre a mesma.

Portanto, a loucura concebida como doença mental permite constituir a noção de sujeito juridicamente incapaz, inofensivo ou, até, perigoso. O louco sendo um doente, a sociedade evita o seu aprisionamento, porém aliena-o de si mesmo, despojando-o de sua humanidade e de seus direitos, o louco deixa

de ser cidadão. Com a medicina o louco deixa de pertencer a comunidade da razão, a comunidade dos homens como sujeito possuidor de direitos.

Nota-se que o discurso da medicina e a jurisprudência de mãos dadas forjavam uma exclusão. Percebe-se que quando o discurso médico, religioso e o jurídico se encontram em um determinado ponto, sempre possibilita a exclusão. Em determinado momento, o que prevaleceu foi a união entre discurso religioso e jurídico, em outro momento o jurídico e médico, nota-se que na atualidade, sobretudo no Brasil, o discurso jurídico não necessita da união com o discurso religioso e tão pouco com o médico, ele tem força suficiente para interferir na vida das pessoas.

Por fim, concluo que o discurso “ganha vida”, isto é, ultrapassa o sujeito que profere tais palavras, ilustro com um exemplo de fácil compreensão. No decorrer da dissertação, julgava ter “controle” sobre o que escrevia, no entanto com o decorrer do trabalho deparei-me que não tinha o “controle” do que escrevia. Embora tendo contemplado todos os tópicos que havia programado, eles exerciam “suas vontades”. Geralmente, quando produzimos uma obra, sentamos e planejamos os passos que devemos seguir para melhor andamento da obra, no entanto ela não sai como planejamos, quando escrevemos, por exemplo, sabemos como iniciar o trabalho, porém não sabemos como terminá-lo.

2º CAPÍTULO - O PODER E SEUS DISPOSITIVOS

2.1- O projeto do professor

Sendo um pensador interdisciplinar é possível ler Foucault de diversas formas. Os estudiosos de Foucault caracterizam-no em três momentos e períodos. Na década de 60, denominam como o Foucault da arqueologia, na década de 70, o Foucault da genealogia, e de 78 até a sua morte em 1984, caracteriza-o como o Foucault da ética. Percebe-se que esta divisão tem suas vantagens em aspectos pedagógicos, por outro lado traz limitação por um reducionismo. Se dividirmos Foucault nestes períodos teremos uma série de limitações no nosso estudo.

No ano de 1966, Foucault enquanto andava pelas ruas dos EUA, observava a realidade (prédios, cinemas, teatro e etc.), e dizia: nós vivemos num espaço neutro, plano, nós vivemos ou amamos num retângulo de uma folha de papel.

Nós vivemos amamos num espaço enquadrado, recortado, matizado, com zonas claras e escuras, diferenças de níveis, degraus de escadas, cheias, corcovas, regiões duras e outras friáveis, penetráveis, porosas. Continua o professor -, há regiões de passagens: ruas, trens, metrô; regiões do transitório; café, cinema, praias, hotéis e também as regiões fechadas do repouso e do lar. (FOUCAULT, 1966).³

No mesmo vídeo diz Foucault que sonhava com uma ciência que teria como objeto esses espaços diferentes, esses outros lugares, essas contestações míticas e reais do espaço em que vivemos.

Essa ciência não estudaria as utopias, pois é preciso reservar este nome ao que não tem lugar. Mas ela estudaria as heterotopias, espaços absolutamente outros e forçosamente a ciência em questão chama "heterotopologia", o lugar que a sociedade reserva nessas margens, nas praias vazias que a envolve. Esses lugares são principalmente reservados aos indivíduos cujo comportamento é desviante em relação à medida ou a norma exigida. Daí as casas de repouso, as clínicas, psiquiátricas, as prisões. Precisaríamos

³Vídeo Foucault por si mesmo parte I. Acesso em 4shared.com.

acrescentar os asilos, pois o ócio em uma sociedade tão atarefada como a nossa, é como um desvio, aliás é um desvio biológico quando está ligado a velhice. Ao mesmo tempo, é um desvio constante para todos os que não tem descrição de morrer de infarto nas três semanas que se segue ao início de sua aposentadoria. (FOUCAULT, 1966).

Foucault não cabe em catalogação, assim diz: “se fosse para colocar uma etiqueta dizendo o que era, ficaria muito embaralhado”⁴, nesta perspectiva diz a celebre frase, que demonstra tudo que ele é: *não me pergunte quem eu sou, nem me peça para mudar*. Onde Foucault se encaixa, isto é, se seria filósofo, um cientista, um sociólogo, um estruturalista, um historiador e etc., certamente Foucault não se restringiria a uma categoria.

Foucault rompe com tudo o que existe até então, tendo o seu pensamento imperlocalizado. Por conseguinte,

Foucault diz que não pergunta ‘o que é conhecer’, meu problema – continua ele – não é saber se os discursos científicos são verdadeiros ou não, se tem relação como uma objetividade ou não, se é preciso considerá-los como coerente ou somente cômodos, se eles são a expressão de uma realidade terrível. Tudo isso não é questão minha, diz Foucault. Eu diria que preciso fazer uma história das problematizações, quer dizer, a história da maneira pela qual as coisas produzem problemas.⁵

2.2 – O HOMEM

Tendo noção da proposta de trabalho de Foucault, faremos um estudo num âmbito antropológico. Todavia, quando digo antropológico não tenho a pretensão de saber o que é o homem, mas como este se dá na sua concretude, isto é, no seu todo. Para Foucault nunca houve espaço para o homem durante a história, em um período sobressai a natureza, em outro momento Deus, o conceito homem surgiu no século XIX e segundo Ele está fadado a morrer, é com estas palavras que ele concluir o seu livro *As palavras e as coisas*.

⁴ Ibidem.

⁵ Ibidem.

Percebe-se que Foucault opõe-se a todo e qualquer humanismo. O humanismo nasceu por volta no século XIV, geralmente definem este como um movimento de eruditos fisiológico de aperfeiçoamento do homem, segundo eles este aperfeiçoamento se dá pela educação.

Aprendemos que o século XVI foi a era do humanismo. No século XVI, o classicismo desenvolveu temas da natureza humana, já no século XIX, surgiu as ciências positivas que possibilitaram conhecer o homem de maneira positiva, científica, racional como a biologia, psicologia e a sociologia. (FOUCAULT, 1966, p.1).

Segundo Foucault, a ideia de humanismo é uma ilusão, pois o homem nunca teve espaço na cultura, esteve sempre ausente.

A cultura era ocupada por Deus, pelo mundo, pelas semelhanças das coisas, pelas leis do espaço, e certamente pelo corpo, pelas paixões, pela imaginação, percebe-se que o homem continua sem espaço na cultura atual, o que sobressai é a internet, a tecnologia e etc. (FOUCAULT, 1966, p.1).

O pensar de Foucault recebe grande influência de Nietzsche, sobretudo na sua vida pessoal. Nietzsche deixou um espaço enorme no campo filosófico e Foucault aproveitou para adentrar nestes espaços. Por conseguinte, Nietzsche é a figura do niilismo; é aquele que mostra a morte de Deus e também do homem. Nietzsche, quando mostrou que a morte de Deus não era o aparecimento, mas o desaparecimento do homem, que o homem e Deus tinham estranhos parentescos, que eram ao mesmo tempo irmãos gêmeos e pais e filhos um do outro, que Deus estando morto, o homem não poderia não desaparecer, ao mesmo tempo, deixando atrás de si uma monstruosidade.

Nietzsche através de uma crítica filológica, através de uma certa forma de biologismo, reencontrou o ponto onde o homem e Deus pertencem um ao outro, onde a morte do segundo é sinônimo do desaparecimento do primeiro, e onde a promessa do além homem significa, primeiramente e antes de tudo, a iminência da morte do homem. Com isso, Nietzsche, propondo-nos esse futuro, ao mesmo tempo como termo e como tarefa, marca o limiar a partir do qual a filosofia contemporânea pode recomeçar a pensar; ele continuará sem dúvida, por muito tempo, a orientar seu curso. Se a descoberta do Retorno é, realmente, o fim da filosofia, então o fim do homem é o retorno do começo da filosofia. Em nossos dias não se pode mais pensar senão no vazio do homem desaparecido. Pois esse vazio não escava uma carência; não prescreve uma lacuna a ser preenchida. Não é mais nem menos que o desdobrar de um espaço onde, enfim, é de novo possível pensar. (FOUCAULT, 2000 p. 366).

A minha pretensão antropológica consiste em ter o homem como ponto de partida para trabalhar o aspecto do poder. Foucault entende o homem como detentor de poder e saber, isto é, o homem não é somente razão, o homem se apresenta no seu todo, não somente com o intelecto, com a razão, mas com os seus sentimentos, a sua singularidade. Penso que Foucault coloca restrições à razão, não limitando-a, mas questionando o modo em que ela concebe tudo, da qual nada lhe escapa, apreende tudo. Este argumento é mais consistente quando lemos *História da loucura*.

Na perspectiva de Foucault saber não é poder, o poder segundo Foucault é disciplina e não saber.

Para Foucault os saberes, compreendidos como materialidade, práticas e acontecimentos, são dispositivos políticos articulados com as diferentes formações sociais inscrevendo-se, em suas condições políticas. Deste modo, todo saber é político. Para Foucault a análise do saber implica necessariamente na análise do poder, visto não haver relação de poder sem a constituição do campo de saber. Da mesma forma, todo saber constitui novas relações de poder, pois onde se exercita o poder, ao mesmo tempo, forma-se saberes e estes, em contrapartida, asseguram o exercício de novos poderes. (NASCIMENTO e COIMBRA, 2001, P. 246).

Foucault coloca o homem como sujeito, mas sujeito não como concebia Descartes o sujeito pensante que constitui toda a realidade. O professor Foucault constitui sujeito em outra perspectiva. Sujeito para Foucault tem duas polaridades faz a ação, mas também sofre a ação, assim o sujeito está submisso, em sujeição. Deste modo, Foucault muda a concepção de pensar o homem e, por conseguinte, o sujeito. Nesta perspectiva, para Foucault, não é o prisioneiro que faz a prisão, não é a prostituta que faz a prostituição, não é o estudante que faz a escola, não é o religioso que faz a vida religiosa, e, por fim, não é o homem que faz a história. Mas é a prisão que faz o prisioneiro, a prostituição que faz a prostituta, a escola que faz o estudante, a vida religiosa que faz o religioso, a história que faz o homem.

Foucault nos propõe pensar de outro modo, diferentemente, não pensar o diferente, todavia, pensar diferentemente para entender o diferente. Geralmente pensamos assim: os caras são loucos, graças a Deus vem os psiquiatras e coloca-os nos hospício e finalmente livramos deles. Foucault questiona, e se fosse de outro modo. Se porventura, aquelas práticas sociais

foram capturadas pela ciência, que catalogou aquela prática como loucura, internou-o e foi constituindo a figura do louco, deste modo o louco é produto do hospício.

Foucault questiona a noção de discurso e poder. O discurso antes de Foucault é a palavra que é reflexo da realidade, se mudar aqui muda ali e etc. Foucault propõe não pensar o discurso como vento, como nada, algo que não tem importância. Para Foucault o discurso é materialidade, é coisa, por isto, ele escreve um livro *As palavras e as coisas*, as palavras são coisas, e não neutra expressão como pensávamos. Foucault ensina-nos a pensar o discurso como práticas discursivas que produzem efeitos e não é neutro.

2.3- A DISCIPLINA

Para Foucault saber não é poder. Poder é disciplinalização, isto é, isolar o indivíduo num espaço fechado, esquadramento, hierarquizado, capaz de desempenhar funções diferentes segundo o objetivo específico que dele exige. Portanto, a redução de espaço, investindo nos corpos humanos faz deles um objeto de saber. Podemos dizer que na primeira parte da obra esquadramento, hierarquizado, *Vigiar e punir*, Foucault analisa o poder do soberano, isto é, onde o monarca detém o poder sobre os seus súditos, todavia, ele alarga esta concepção, o poder não está centrado no soberano, ou estado, o poder está nas relações.

O indivíduo é uma produção tanto de poder quanto de saber. Para Foucault não é saber uma forma de dominação. A dominação se dá – segundo “o professor” - pela disciplina. Disciplina é uma técnica de poder que implica na vigilância perpétua e constante dos indivíduos. É a individualização pelo espaço, a inserção dos corpos em um espaço individualizado, classificatório, combinatório.

O soldado é um personagem ou figura para entendermos a disciplina.

Segunda metade do século XVIII: o soldado tornou-se algo que se fabrica; de uma massa uniforme, de um corpo inapto, fez-se a máquina de que se precisa; corrigiam-se aos poucos as posturas: lentamente uma coação calculada percorre cada parte do corpo, se assenhoreia dele, no automatismo dos hábitos; em resumo, foi “expulso o camponês” e lhe foi dada a ‘fisionomia de soldado”. (FOUCAULT, 2009, p. 131).

O corpo como alvo e objeto de poder podem ser manipulados, moderado, treinado, respondendo e obedecendo, tornando-se dócil e hábil à medida que suas forças se multiplicam.

É pela disciplinalização, isto é, a redução do espaço físico, que possibilita a criação de saberes sobre o corpo. Para Foucault, o corpo é uma realidade biopolítica e a medicina é uma estratégia biopolítica. Ora, o que vêm ser a biopolítica? “A partir do século XVII, desenvolveu-se, em nossa sociedade, um tipo de poder político distinto do poder soberano, caracterizado pelo direito de vida e, sobretudo de morte”. (MARTINS. V.6, pag. 40). Este poder desdobrava-se em duas formas principais, dois pólos de desenvolvimento interligados por um conjunto de relações intermediárias.

O primeiro centrava-se no corpo como máquina: seu adestramento, ampliação de suas aptidões, ampliação de suas forças, crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade, sua integração em sistemas eficazes e econômicos. Esse conjunto de acontecimentos caracterizou o poder *disciplinar*, que configura uma *anátomo-político* do corpo *humano*. O segundo pólo formou-se em meados do século XVIII, focado no corpo-espécie, corpo transpassado pela mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos: proliferação, nascimentos e mortalidade, nível de saúde, duração da vida, com todas as suas condições de possibilidade, bem como suas variações. Esses processos são engendrados mediante uma série de intervenções e *controles reguladores* que, por sua vez configuram uma *biopolítica da população*. Logo, a organização do poder sobre a vida desenvolveu-se em torno dos dois pólos: as disciplinas do corpo e as regulações da população. (MARTINS. V.6, pag. 41).

“O homem-máquina” é ao mesmo tempo uma redução materialista da alma e uma redução e uma teoria geral do adestramento, no centro dos quais reina a noção de “docilidade” que une ao corpo analisável o corpo manipulável.

A modalidade, fim; implica numa coerção ininterrupta, constante, que vela sobre os processos da atividade mais que sobre seu resultado e se exerce de acordo com uma codificação que esquadrinha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos. Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõe uma realização de

docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as 'disciplinas'. (FOUCAULT, 2009 P. 132).

Esta disciplina é presente nas escolas, no espaço hospitalar, no exercito, enfim, este dispositivo alcança tudo e a todos. A disciplina utiliza de diversas técnicas para a distribuição dos indivíduos no espaço. Nas escolas, o modo em que as carteiras são posicionada, isto é, para uma única direção, com uma única saída. Sem mencionar, na entrada, onde os estudantes devem formar uma fila para a distribuição dos mesmos. Esta distribuição é feita também nas cidades, pois a cidade é o ponto de encontro e, é sempre um problema se as pessoas encontram de maneira organizada, de tal modo que a vigilância não contemple.

Vejamos a nossa cidade, Brasília, ela é dividida e classificada de modo que cada grupo vá à parte em que ela é participante, não proporciona um encontro, tudo é classificado, bem distribuído. Brasília é dividida por setores, onde somente pessoas destinadas podem ter acesso a tal ambiente, temos então o setor dos bancários, o setor militar e assim por diante. "A disciplina, arte de dispor fila, e da técnica para a transformação dos arranjos. Ela individualiza os corpos por uma localização que não implanta, mas os distribui e os faz circular numa rede de relações". (FOUCAULT, 2009, p 141). Todavia, o modelo para esta estrutura é o convento. "O modelo de convento se impõe pouco a pouco; o internato aparece como o regime de educação senão o mais frequente, pelo menos o mais perfeito". (FOUCAULT, 2009, p.137).

A disciplina é uma espécie de adestramento. Para uma boa disciplina é necessário uma vigilância constante, pois o exercício da disciplina supõe um dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar.

O aparelho disciplinar perfeito capacita um único olhar ver tudo permanentemente. Um ponto central seria ao mesmo tempo fonte de luz que iluminasse todas as coisas, e lugar de convergência para tudo o que devia ter sabido: o olho perfeito a que nada escapa e centro em direção ao qual todos os olhares convergem. (FOUCAULT, 2009, p. 167).

Assim, é possível lutar contra a dominação representada por certos padrões de pensamento e comportamento sendo, no entanto, impossível escapar completamente a todas e quaisquer relações de poder. O que

interessa a Foucault é o poder enquanto elemento capaz de explicar como se produzem os saberes e como nos constituímos na articulação entre ambos. A visão de Foucault é que o desenvolvimento das tecnologias do poder, na idade moderna, levou a um grau de intervenção ímpar sobre o ser humano:

O poder se exerce sobre o indivíduo, do mesmo modo que é exercido sobre as massas e converte-se num controle que nos fabrica, impondo a todos e a cada um de nós uma individualidade, uma identidade. O filósofo sustenta que a individualidade está sendo crescentemente controlada pelo poder, que somos individualizados, no fundo, pelo próprio poder. A individualização, portanto, não se opõe a isso. Pelo contrário, a identidade obrigatória de cada um de nós é efeito e instrumento do poder. (BRANCO.Pag.10).

O poder não é somente negativo, pois se o poder só tivesse a função de reprimir, se agisse apenas por meio de censura e exclusão, do impedimento, do recalçamento, ele seria muito frágil. Se ele é forte, é porque produz efeitos positivos a nível do desejo e também a nível de saber. Percebe-se que o poder, longe de impedir o saber, o produz. Pois com a vontade de saber foi possível constituir o saber sobre o corpo, que foi através de um conjunto de disciplinas militares e escolares. É a partir de um poder sobre o corpo que foi possível um saber fisiológico, orgânico.

As disciplinas são portadoras de um discurso que não pode ser o direito; o discurso da disciplina é alheio ao da lei e da regra enquanto efeito da vontade soberana. As disciplinas veicularão um discurso que será o da regra, não da regra jurídica derivada da soberania, mas o da regra "natural", quer dizer da, norma; definição um código que não será o da lei mas o da normalização; referir-se-ao a um horizonte teórico que não pode ser de maneira alguma o edifício do direito mas o domínio das ciências humanas; a sua jurisprudência será a de um saber clínico. (FOUCAULT, 1979, p.106).

Deparamos então, com a disciplina que não é somente opressora, porém, traz coisas positivas. Vamos pensar o hospital ou a clínica que é um dispositivo de disciplina.

Antes do século XVIII, o hospital era essencialmente uma instituição de assistência aos pobres. Instituição de assistência, como também de separação e exclusão. O pobre como pobre tem necessidade de assistência e, como doente, portador de doença e de possível contágio, é perigoso. Por estas razões, o hospital deve estar presente tanto para recolhê-lo, quanto para proteger os outros do perigo que ele encarna. O personagem ideal do hospital, até o século XVIII, não é o doente que é preciso curar, mas o pobre que está morrendo. É alguém que deve ser assistido materialmente e espiritualmente,

alguém a quem deve dar os últimos cuidados e o último sacramento. Esta é a função essencial do hospital. (FOUCAULT, 1979, p. 101).

Com uma tecnologia chamada disciplina, mudou o quadro hospitalar. É importante salientar o panóptico, que é um dispositivo de poder disciplinar, como sistema arquitetural constituído de torre central e anel periférico, pelo qual a visibilidade e a separação dos submetidos permite o funcionamento automático do poder: a consciência da vigilância gera a desnecessidade objetiva de vigilância.

O panóptico de Bentham⁶ é a figura arquitetural dessa composição. O princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas tem duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário, ou um escolar. Pelo efeito da contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se exatamente sobre a claridade, as pequenas silhuetas cativas nas celas da periferia. Tantas jaulas, tanto pequenos teatros, em que cada ator sozinho, perfeitamente individualizado e constantemente visível. O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente. Em suma, o princípio da masmorra é invertido; ou antes, de suas três funções - trancar, privar de luz e o olhar de um vigia captam melhor que a sombra, que finalmente protege. A visibilidade é uma armadilha. (FOUCAULT, 2009, p. 190).

Este dispositivo que é presente nas prisões, propôs o nascimento da clínica, pela observação dos corpos, da qual possibilita o diagnóstico do paciente. É o chamado *sob o olhar*, neste caso o médico com o seu olhar determina o que o paciente tem, este diagnóstico é o acúmulo de observações anteriores. O panóptico proporciona a observação do indivíduo para obter uma verdade acerca do mesmo.

O olhar que percorre um corpo que sofre só atinge a verdade que ela procura passando pelo dogmático do nome, em que se recolhe uma dupla verdade: ma, oculta, mas já presente, da doença; outro, claramente dedutível, do fim e dos meios. Não é, portanto o próprio olhar que tem poder de análise e de síntese; mas a verdade de um saber discursivo que vem se acrescentar de fora e como uma recompensa ao olhar vigilante do estudante. (FOUCAULT, 1998, p.67).

⁶Filosofo e jurista inglês, que desenvolveu o panóptico, que foi aplicado no sistema penitenciário para facilitar e possibilitar o controle e a vigilância dos detentos.

Por conseguinte, o olhar que prevalece não somente nas prisões e, que não intervém, mas observa, sem modificar, faz com que o indivíduo vigie a si mesmo, deste modo, não é necessário punir, somente vigiar. Esta realidade era presente nas clínicas.

O olhar que observa se abstém de intervir: é mudo e sem gesto. A observação nada modifica; não existe para ela nada oculto no que se dá. O correlato da observação nunca é o invisível, mas sempre o imediatamente visível, uma vez afastados os obstáculos que as teorias suscita à razão e a imaginação ao sentido. Na temática da clínica, a pureza do olhar está ligada a certo silêncio que permite escutar. (FOUCAULT, 1998, p 121).

Por conseguinte, o hospital como instrumento terapêutico é uma inversão relativamente nova, que data do final do século XVIII. (FOUCAULT, 1989, p. 246). Para Foucault, a consciência de que o hospital pode e deve ser um instrumento destinado a curar aparece claramente no mesmo século, porém é uma prática ainda não contemplada: a visita e a observação sistemática e comparada nos hospitais.

No livro, *História da loucura* (1989), Foucault aponta que no século XVIII, o hospital era essencialmente uma instituição de assistência aos pobres, como também de separação e exclusão. O pobre tem necessidade de assistência não por está doente, mas por sua doença ser possível de contágio aos demais cidadãos, torna-se perigoso. Assim, o indivíduo que ia ao hospital não era para ser curado de uma doença, porém para morrer no hospital, isolado para que a sociedade não fosse contaminada.

O quadro hospitalar mudou através e a partir de uma tecnologia que pode ser chamada de política: a disciplina. “A disciplina é uma técnica de exercício de poder que foi, não inteiramente investigada, mas elaborada em seus princípios fundamentais durante o século XVIII”. (FOUCAULT, 1979, p. 61). A disciplina é, antes de tudo, a análise do espaço. É a individualização, classificatória, combinatória. A disciplina é uma técnica de poder que é implicada a uma vigilância perpétua e constante dos indivíduos.

Para Foucault, não existe o “poder”, o que existe são relações de poder, ou seja, formas dispare, heterogêneas que estão em constante

transformação. O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, é constituída historicamente.

Foucault quer demonstrar que as relações de poder ultrapassam o nível estatal e se estendem por toda a sociedade. O poder não pode ser visto como um processo global e centralizado de dominação que se exerceria em diversos setores da vida social, mas sim que funciona como uma rede de dispositivos ou mecanismos que atravessam toda a sociedade e do qual nada e nem ninguém escapar.

O poder está em toda parte; não por que englobe tudo, e sim porque provém de todos os lugares. E “o” poder, no que tem de permanente, de repetitivo, de inerte, de auto reprodutor, é apenas efeito de conjunto, esboçado a partir de todas as modalidades, encadeamento que se apóia em cada uma delas e, em troca, procura fixá-las. [...] o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma instituição estratégica complexa numa sociedade determinada. (FOUCAULT, 1988, p. 103).

Por fim, o que Foucault quer mostrar é que não existem sociedades livres de relações de poder. Os indivíduos são o resultado imediato dessas relações de poder. Como foi visto acima, o indivíduo é resultado de inúmeros processos de objetivação que ocorrem nas redes de poderes, que os capturam, dividem e classificam.

3º CAPÍTULO - AS INSTITUIÇÕES

3.1- A PRISÃO

Sabe-se que Foucault se interessou principalmente pelas instituições, pelas condições de emergências dos saberes, dos poderes e dos discursos no ocidente, pelas práticas de si, pelos processos postos em funcionamento que moldaram a era moderna.

Com Foucault é possível fazer uma filosofia do impossível, pois este nos dá resposta e ajuda-nos a pensar o óbvio. Fazer a história do impossível significa indagar como tudo isso é possível. Como é possível pessoas que resolvem conflitos com guerra e recebe o apoio da metade da população e ainda é tido como herói? Como é possível pensar o que pensamos? Pensar o impossível é pensar coisas cotidianas da vida.

Ao tratar da prisão não tenho o intuito de demonstrar como esta surgiu, pois Foucault estudou somente o nascimento da prisão no sistema penal francês, todavia pretendo analisar o poder, isto é, a docilidade dos corpos dentro desta.

Nota-se que *Vigiar e Punir*, é um amplo estudo sobre a disciplina na sociedade moderna, "uma técnica de produção de corpos dóceis". Foucault analisou os processos disciplinares empregados nas prisões, considerando-os exemplos da imposição, às pessoas, e padrões "normais" de conduta estabelecida pelas ciências sociais. A partir desse trabalho, explicitou-se a noção de que as formas de pensamento são também relações de poder, que implicam a coerção e imposição. Assim, para o professor Foucault é possível lutar contra a dominação representada por certos padrões de pensamento e

comportamento sendo, no entanto, impossível escapar completamente a todas e quaisquer relações de poder.

A vigilância perpétua e constante dos indivíduos é presente tanto nas casas dos loucos, como nas prisões e em toda a sociedade. Ater-nos-emos no primeiro momento às prisões. O seu livro *Vigiar e Punir*, consiste numa descrição das metamorfoses que ocorreram nos últimos séculos nas formas de punir e de controlar as pessoas, num processo que vai do controle e disciplinalização em espaços fechados até o comportamento e ações em espaços abertos.

Por conseguinte, Foucault diz que a prisão é fábrica de delinquentes, mas estes são úteis tanto para o domínio econômico como político. Os detentos servem para alguma coisa. Uma destas utilidades é o exemplo para os demais não infringirem à lei.

A prisão não pode deixar de fabricar delinquentes. Fabrica-os pelo tipo de existência que faz os detentos levarem: que fiquem isolados nas celas, ou que lhes seja imposto um trabalho inútil, para o qual não encontrarão utilidade, é de qualquer maneira não “pensar no homem em sociedade; é criar ma existência contra a natureza inútil e perigosa”; [...] a prisão fabrica também delinquentes impondo aos detentos limitações violentas; ela se destina a aplicar as leis e a ensinar o respeito por elas; ora, todo o seu funcionamento se desenrola no sentido do abuso de poder. (FOUCAULT, 2009, p. 252).

Há três modelos de punição competindo num determinado momento, o *suplício* que é a forma tradicional da monarquia punir, ou seja, o soberano puni as pessoas ao ar livre, nas praças para que todos vissem, e isto serviria de lição, tanto para o delinquente, quanto para o público que assistia tal episódio. O *jardim* onde as famílias iam visitar as pessoas trabalhando para ter um sistema educativo de punição. E a *prisão*, que segundo alguns era o melhor modo de punir, todavia, quem propôs a prisão viu um problema, a prisão forma delinquente. Por conseguinte, em vinte ou trinta anos de instalação da prisão, as pessoas esqueceram sua origem.

Atualmente na nossa civilização estes três modelos de punição estão em vigor, o suplício de maneira menos visível, mas tem um valor significativo. Já a prisão se estendeu de modo admirável, quase que perfeito no campo social. O

jardim no nosso sistema jurídico poderia entender como as penas alternativas, onde o indivíduo com o seu trabalho reduz alguns dos seus muitos anos da pena, sendo que esta proposta está sendo muito estimulado pelos governantes, pois o estado beneficia-se com este módulo.

“A prisão, local de execução da pena, é ao mesmo tempo local de observação dos indivíduos punidos. Em dois sentidos. Vigilância é claro. Mas também conhecido de cada detento, de seus comportamentos, de suas disposições profundas, de sua progressiva melhora.” (FOUCAULT, 2009, p. 235). A prisão é um mecanismo de punição do sujeito que comete delito, por conseguinte, a punição vai tornar-se a parte mais velada do processo penal, punir o homem é desviá-lo do crime. As práticas de punição, em geral, se tornaram pudica. Nota-se que a punição no primeiro momento é física, corpórea.

O corpo encontra-se aí em posição de instrumento ou de intermédio; qualquer intervenção sobre ele pelo enclausuramento, pelo trabalho obrigatório visa privar o indivíduo de sua liberdade considerada ao mesmo tempo como um direito e como um bem. Segundo essa penalidade, o corpo é colocado num sistema de coação e privação, de privações e de interdições. (FOUCAULT, 2009 p.16).

Todavia, a punição não centralizava somente na técnica de sofrimento, punir está centrado no direito. A prisão sempre aplicou sofrimentos físicos nos seus detentos e, mesmo recebendo críticas, o poder sobre o corpo nunca deixou de existir totalmente. Foucault mostra que com o passar dos anos este sistema penitenciário recebeu diversa crítica no seu modo de operar. Percebe-se a mudança na forma de punir, em vez deles punir o corpo propõe punir a alma. “À expiação que tripudia sobre o corpo deve suceder um castigo que atue, profundamente, sobre o coração, o intelecto, a vontade, as disposições”. (FOUCAULT, 2009 p.21).

Com esta observação exacerbada sobre o corpo possibilita diversos padrões de vida. Saliento que, o corpo está mergulhado num campo político, envolto nas relações de poder que o alcança.

As relações de poder tem alcance imediato; elas o investem, o marcam, o dirigem, o suplicam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no as cerimônias, exigem sinais. Este investimento político do corpo está

ligado, segundo relações de poder e dominação; mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível se ele está num sistema de sujeição (onde há necessidade é também um instrumento político cuidadosamente cuidado, calculado e utilizado); o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso. Essa sujeição não é obtida só pelos instrumentos da violência ou ideologia; pode muito bem ser direta, física, usar a força contra a força, agir sobre elementos materiais sem no entanto ser violenta; pode ser calculada, organizada, tecnicamente pensada, pode ser sutil, não fazer uso de armas nem do terror, e no entanto continuar a ser de ordem física. Quer dizer que pode haver um “saber” do corpo que não é exatamente a ciência de seu funcionamento, e um controle de suas forças que é a mais que a capacidade de vencê-las: esse saber e esse controle constituem o que poderia chamar a tecnologia política do corpo. Essa tecnologia é difusa, claro, raramente formulada em discurso contínuos e sistemáticos; compõe-se muitas vezes de peças ou pedaços; utiliza um material e processos sem relações entre si. (FOUCAULT, 2009 p. 29).

A esta realidade Foucault chamou de “microfísica” do poder, aqui o poder não é concebido como propriedade e sim como uma estratégia para alcançar a todos, contudo o seu efeito de dominação não é atribuído a uma “apropriação”. Porém a disposição, a manobras, a táticas, a técnicas, a funcionamentos, que estão envolto em relações, nesta perspectiva o ninguém detém o poder.

Nota-se as implicações em transferir a punição do corpo para a alma. Pois, viram na alma uma ideologia, uma tecnologia de poder sobre o corpo. A alma é vista como efeito e instrumento de uma anatomia política; a alma prisão do corpo.

Não se devia dizer que a alma é uma ilusão, ou um efeito ideológico, mas afirma que ela existe, que tem uma realidade, que é produzida permanentemente, em torna, da superfície, no interior do corpo pelo funcionamento de um poder que se exerce sobre os que são punidos – de uma maneira mais geral sobre os que são vigiados, treinados e corrigidos, sobre os loucos, e crianças, os escolares, os colonizados, sobre os que são fixado a um aparelho de produção e controlados durante toda a existência. (FOUCAULT, 2009 p. 32).

Foucault elucida uma técnica de pena corporal, chamada de suplício este repousa na arte quantitativa de sofrimento. “O suplício deve produzir a uma certa quantidade de sofrimento que se possa, se não medir exatamente, ao menos apreciar, comparar e hierarquizar; a morte é um suplício na medida em que ela não é simplesmente privação do direito de viver”. (FOUCAULT, 2009 p. 36).

A população se posicionando contraria a este modo de punir, organiza um protesto. A datação deste episódio, segundo Foucault é século XVIII, neste protesto a população se posiciona contra os suplícios, dizendo que é necessário punir de outro modo que não seja pela violência, força física e etc. Na passagem do suplício para a prisão, tem um método de punição que denominamos anteriormente como *jardim*, do qual o individuo prestava serviços a sociedade para cumprir a sua pena. “O culpado, assim, paga duas vezes: pelo trabalho que ele fornece e pelos sinais que produz. No centro da sociedade, nas praças ou nas grandes estradas, o condenado irradia lucros e significações”. (FOUCAULT, 2009, p.105).

A vigilância é imprescindível para o bom andamento da prisão. Esta vigilância é ininterrupta, tudo é controlado, o horário para acordar, o horário das refeições, a hora de trabalho e a hora de dormir. A vigilância atinge todos os pontos do espaço que deve ser observado, a vigilância é um dispositivo de um poder de punir que atinge toda a rede social e, não é percebido como um poder de alguns sobre alguns, mas um a cada um, isto é, a pessoa que tem a incumbência de vigiar também está sob vigia.

Na prisão é permitido punir, pois nesta é possível uma redução do tempo e espaço do culpado, um enquadramento de seus gestos, uma redução para corrigi-los individualmente. Há, portanto, uma gestão autônoma desse poder que isola do corpo social.

Por conseguinte, com o advir do tempo, a prisão tornou-se algo natural, sempre houve sempre haverá, é a melhor forma de punir, todavia esquecemos que, quando há rebelião nas prisões o governador vai a televisão e diz: *não se preocupe farei mais dez presídios modernos para resolver a situação*. E a população aplaude a promessa do governador e a lógica não é questionada. Sendo que a questão não é construir mais presídios, pois acontecerá mais rebeliões e eventualmente mais morte e etc. Nota-se que esta realidade é algo circular, uma espécie de circulo vicioso.

Apoiado no argumento que antecedeu, podemos concluir que, Foucault coloca um espelho na sociedade, alertando o que nós fazemos. Foucault ajuda

a entende o mecanismo, a racionalidade desta lógica que nós operamos e é dado como óbvia.

Adentrando no pensamento do professor, estudar-se-á as práticas discursivas, e os tipos de poder. Deparamos com a obra mais lida e conhecida de Foucault que é vigiar e punir. Foucault para estudar o poder viu necessidade de diagnosticar as prisões, pois nesta o poder não se mascara, isto é, não se esconde, nas prisões é permitido punir. A referida obra é um amplo estudo sobre a disciplina na sociedade moderna, onde conseguimos compreender "uma técnica de produção de corpos dóceis". Foucault analisou os processos disciplinares empregados nas prisões, considerando-os exemplos da imposição, às pessoas, e padrões "normais" de conduta estabelecida pelas ciências sociais. A partir desse trabalho, explicitou-se a noção de que as formas de pensamento são também relações de poder, que implicam a coerção e imposição.

Foucault ao estudar o poder na prisão, mostra no primeiro momento que, o suplício é uma maneira do soberano demonstrar aos seus inimigos o poder que exercia sobre os seus súditos e inimigos, no decorrer do livro mostra outros mecanismo de poder.

Ao analisar os textos e alguns livros do professor, percebo que, neste estudo Foucault aponta que algum modo, a sociedade é um grande sistema penitenciário. Contudo com algumas modificações evidentemente, tendo uma vigilância constante sobre os indivíduos, possibilitando um controle maior, mas isto é segredo não conte a ninguém fica só entre nós.

Ora, tendo a conclusão de que a melhor forma de punir não é pela dor, sofrimento, suplício, mas pela vigilância e todas as instituições exerce este papel de vigiar para extrair verdades do individuo. Por que motivo dá maior ênfase e questionamos somente a prisão e não as escolas, hospitais psiquiátricos e hospitais?

Na conferência dada no Brasil, na década de 70, Foucault fala sobre o assunto da exclusão nas instituições que trata-se de uma reclusão de exclusão.

Todas as instituições tem por finalidade não excluir, mas, ao contrário, fixar os indivíduos. A fábrica não exclui os indivíduos; liga-os a um aparelho de produção. A escola não exclui os indivíduos; mesmo fechando-os; ela os fixa num aparelho de transmissão do saber. O hospital psiquiátrico não exclui os indivíduos; liga-os a um aparelho de correção, a um aparelho de normatização dos indivíduos. O mesmo acontece com a casa de correção ou a prisão. Mesmo se os efeitos dessas instituições são a exclusão desses indivíduos em um aparelho de normalização dos homens. A fábrica, a escola, a prisão ou os hospitais tem por objetivo ligar o indivíduo a um processo de produção, de formação ou de correção dos produtores. Trata-se de garantir a produção ou os produtores em função de uma determinada norma. (Foucault. 2002 p. 114).

Trabalhando nos textos de Foucault encontramos a explicação, o motivo, a causa do sucesso da prisão. Este sucesso se dá pela sua ambiguidade. A prisão é o símbolo das instituições de sequestro. Ela ao “mesmo tempo em que se isenta de ser prisão pelo fato de se assemelhar a todo o resto, e inocenta todas as outras de serem prisões, já que ela se apresenta como sendo válida unicamente para aquele que cometerem uma falta”. (FOUCAULT. 2002 p. 123-124).

A ambiguidade da prisão consiste nos dois discursos que emite.

Ela diz: “Eis o que é a sociedade; vocês não podem criticar na medida em que eu faço unicamente aquilo que lhes fazem diariamente na fábrica, nas escolas, etc. eu sou, pois, inocente; eu sou apenas a expressão de um consenso social”. É isso que se encontra na teoria da penalidade ou da criminologia; a prisão não é uma ruptura como se passa todos os dias. Mas ao mesmo tempo a prisão emite um outro discurso: “A melhor prova de que vocês não estão na prisão é que eu existo como instituição particular, separada das outras, destinada apenas àqueles que cometeram uma falta contra a lei. (FOUCAULT. 2002 p. 123).

Tendo visto um panorama do pensamento de Foucault, vamos adentrar em um de extrema importância, que é o poder.

3.2- O PODER

Para Foucault toda forma de saber produz poder. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer a sua ação; nunca são alvo inerte e consentido do poder, mas sempre centros de transmissão.

O poder não é algo que se adquire, arrebate ou compartilhe, algo que se guarde ou deixa escapar; o poder se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e moveis; (FOUCAULT, 1988, p.104).

Não podemos conceber o poder numa perspectiva jurídica. Então como pensar o poder? Como pensamos o poder? Pensamos através da concepção jurídica do século XVI-XVIII, em que o poder é uma coisa que está acima e fora do indivíduo e da sociedade e é repressivo, pensamos que o poder é negativo, que é a proibição repressão. Foucault entende poder não como repressão e sim como relação. O poder está fora do sujeito e preserva-o. O poder não é só aquilo que emana do sujeito, mas aquele que constitui.

Nota-se, que o poder não é somente negativo. Tanto é que se o poder só tivesse a função de reprimir, se agisse apenas por meio de censura da exclusão, do impedimento, do recalçamento, se apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil. Se ele é forte, é porque produz efeitos positivos a nível do desejo e também a nível de saber. Para Foucault o poder, longe de impedir o saber, o produz. Se for possível constituir o saber sobre o corpo, foi através de um conjunto de disciplinas militares e escolares. É a partir de um poder sobre o corpo que foi possível um saber fisiológico, orgânico.

Observa-se que as metamorfoses, tanto políticas, culturais e sociais, corroboram os dois lados do poder, o “nocivo” e o “benéfico”. Como exemplo, apresento o exército e a mulher dentro de um contexto político e econômico. O exército antes do século XVI era pensado pela força, deste modo, era considerado poderoso o exército que possuísse grande número de soldados. Depois do século XVI com a invenção do rifle o exército foi pensado de outra

forma. Pois não era a força que ganhava uma batalha e sim a estratégica que os soldados desenvolviam; com a criação do rifle os soldados foram valorizados, quer na alimentação, no treinamento em que recebia para guerrear e principalmente, eram valorizadas suas vidas.

Ora, com o surgimento do fuzil, no final do século XVII, o exército torna-se muito mais técnico, sutil e custoso. Para se aprender a manejar um fuzil será preciso exercício, manobra, adestramento. E assim que o preço de um soldado ultrapassará o preço de uma simples mão-de-obra e o custo do exército tornar-se-á um importante capítulo orçamentário de todos os países. Quando se formou um soldado não-se pode deixá-lo morrer. Se ele morrer deve ser em plena forma, como soldado, na batalha, e não de doença. Não se deve esquecer que o índice de mortalidade dos soldados era imenso no século XVII. Um exército austríaco, por exemplo, que saiu de Viena para a Itália perdeu 5/6 de seus homens antes de chegar ao lugar do combate. (FOUCAULT, 1979, 61)

Percebe-se, este dois pólos em relação as mulheres. Atualmente a mulher ganhou grande espaço na nossa sociedade e isto é exorbitante, pois na década de 70, do século passado, sobretudo no Brasil o quadro era outro. Percebe-se que naquele período havia predominante a concepção de que ser mulher é ser mãe e se não quero tenho que ser se não vou tornar solteirona, histérica ou louca. Na contemporaneidade as estatísticas mudaram, temos até uma presidente do sexo feminino, as mulheres ganharam mais espaço, porém nunca em toda história o corpo da mulher foi tão observado. Nota-se ainda, um discurso articulado nas estratégias de poder, que vem irrigado de procedimentos de disciplinares, que obriga a mulher ter um padrão de beleza, chega a ser um absurdo e uma violência com a mulher, sobretudo com as idades avançada que tem que ter o corpo de uma adolescente de 20 anos.

Tal discurso certamente não existe sem as revistas, sem a televisão, sem a publicidade; também não existe sem as academias de ginástica, a indústria da moda, e está relacionado às lutas das mulheres em torno de uma série de conquistas: descriminalização do aborto, exercício de funções públicas e políticas, e assim por diante, ou seja, nessa relação necessária entre o discursivo e o não-discursivo, o fato de algumas instâncias serem vistas didaticamente como. suportes de enunciados porque a mulher deve ser bela e jovem, criam-se academias ou especialidades médicas e, através destas, o projeto se realizaria precisa ser compreendido de modo mais complexo. O discurso ele mesmo está em constante transformação por exercitar-se. Nesses espaços todos, e tais lugares, por sua vez, não são sempre os mesmos, desde que os sujeitos e as instituições se reconhecem nesse discurso. (FISCHER, 2001, p. 207).

Outrora, a sociedade era disciplinadora, agora é dominante. O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou ideologia, mas começa no corpo, com o corpo, debruçará sobre este assunto no próximo tópico.

3.3 – INSTITUIÇÕES DE SEQUESTRO

Depois de explorar alguns pontos fundamentais em Foucault, abordar-se-á de modo mais intenso as duas faces do poder: a parte visível (instituições) e a invisível (o dispositivo).

O professor ensina que há três mecanismos de poder no decorrer da história, a *soberania*, a *disciplina* e o *biopoder*. Ora, a *soberania* é um mecanismo que é encarnado no rei ou soberano e este tem o poder sobre a vida e a morte de seus súditos.

Por conseguinte, Foucault identifica que com o nascer do que se chama modernidade surge uma nova tecnologia de poder, a esta chamou *disciplina* que segundo ele esta se constrói articulado com o modo de produção capitalista, e é uma forma de poder ligado as instituições. Pode-se concluir que disciplina como tecnologia de poder, é uma forma de executá-lo.

A disciplina é um poder individualizante, porque se exerce sobre o corpo de cada individuo, disciplinar uma pessoa é reduzir seu espaço para construí-la como individuo pela ação do poder sobre o corpo do mesmo. Ademais, a disciplina tem um caráter muito interessante, ela é algo que vem de fora do individuo, mas o internaliza.

Assim, pode-se afirmar que o poder disciplinar precisa agir sobre cada um dos corpos, então é preciso confinar estes corpos nas instituições, pois dificilmente consigo disciplinar as pessoas no campo aberto. Surge então, o biopoder que é uma tecnologia de poder complementar a tecnologia disciplinar,

pois se a disciplina age sob o indivíduo, o biopoder é um poder que age sobre grandes populações. Através do biopoder a espécie humana é transformada em população.

Os governos percebem que não têm que lidar simplesmente com sujeitos, nem mesmo com um «povo», mas com sua «população», com seus fenômenos específicos, e suas variáveis próprias: natalidade, mortalidade, esperança de vida, fecundidade, estado da saúde, incidência das doenças, forma de alimentação e *habitat*. (FOUCAULT, 1988, p.28).

Assim todo o campo social está inserido nesta relação de poder. Por conseguinte, a instituição disciplinar Foucault chamou de instituição de sequestro, onde os indivíduos são sequestrados e levados para dentro da instituição e assim são disciplinados. Foucault caracteriza a função destas instituições da seguinte maneira:

Estas instituições tem a propriedade muito curiosa de implicarem o controle, a responsabilidade sobre a totalidade, ou quase totalidade do tempo dos indivíduos; são, portanto, instituições que, de certa forma se encarregam de toda dimensão temporal da vida do indivíduo. [...] Ela não se interessa pelo controle espacial dos indivíduos na forma de sua pertinência a uma terra, a um lugar, mas simplesmente na medida em que tem necessidade de que o tempo dos homens seja oferecido ao aparelho de produção; que o aparelho de produção possa utilizar o tempo de vida, o tempo de existência dos homens. É para isso e desta forma que o controle se exerce. São necessárias duas coisas para que se forme uma sociedade industrial. Por outro lado, é preciso que o tempo dos homens seja colocado no mercado, oferecido aos que o querem comprar, e comprá-lo em troca de um salário; e é preciso, por outro lado, que este tempo dos homens seja transformado em tempo de trabalho. É por isso que em uma série de instituições encontramos o problema e as técnicas da extração máxima do tempo. (FOUCAULT, 2002 p.116).

Nota-se que a primeira função da instituição de sequestro é controlar o tempo, a segunda função é o controle dos corpos dos indivíduos. Foucault esmiúça estas duas formas, pois não se trata somente de apropriação do indivíduo, mas de controle, valorização e formação do corpo do indivíduo.

Se fizéssemos uma história do controle social do corpo, poderíamos mostrar que, até o século XVIII inclusive, o corpo dos indivíduos é essencialmente a superfície de inscrição se suplícios de penas; o corpo era feito para ser supliciado e castigado. Já nas instancias de controle que surgem a partir do século XIX, o corpo adquire uma significação totalmente diferente; ele não é mais o que deve ser supliciado, mas o que deve ser formado, reformado, corrigido, o que deve adquirir aptidões, receber um certo número de qualidades, qualificar-se como corpo capaz de trabalhar. (FOUCAULT, 2002 p.119).

Foucault aponta outra função da instituição de sequestro que é a criação de um novo tipo de poder, este é polímorfo. Tendo em muitos casos um poder econômico, onde a instituição oferece um salário em troca de um tempo de trabalho em um aparelho de produção. Assim, há um poder tanto econômico como político que rege estas instituições.

As pessoas que dirigem estas instituições se delegam do direito de dar ordens, de estabelecer regulamentos, de tomar medidas, de expulsar indivíduos, aceitar outros, etc. [...] Este mesmo poder, econômico e político, é também um poder judiciário. Nestas instituições não apenas se dão ordem, se tomam decisões, não somente se garantem funções como produção, a aprendizagem, etc., mas também se tem o direito de punir e recompensar, se tem o poder de fazer compadecer diante de instâncias de julgamento. Este micropoder que funciona no interior destas instituições é o mesmo tempo um poder judiciário. (FOUCAULT, 2002 p.120).

Segundo Foucault o “sistema escolar também é pautado em uma espécie de poder judiciário, onde se puni e recompensa, se avalia, classifica, se diz quem é o melhor ou pior”. (FOUCAULT, 2002 p. 120). Assim, Foucault faz um questionamento muito significativo em relação a educação. Por que, para ensinar alguma coisa a alguém, se deve punir ou recompensar? (FOUCAULT, 2002 p. 120).

Apresentado as três funções das instituições de sequestro, resalto a última que atravessa e anima estes outros poderes que foi elucidado.

Trata-se de um poder epistemológico, poder de extrair dos indivíduos um saber e extrair dos indivíduos um saber sobre estes indivíduos submetidos ao um olhar e já controlados por estes diferentes poderes. Isto se dá, portanto, de duas maneiras. Em uma instituição como a fábrica, por exemplo, o trabalho, os melhoramentos técnicos, as pequenas invenções e descobertas, as micro-adaptações que ele poder fazer no decorrer do trabalho são imediatamente anotados e registradas, extraídas portanto da sua prática, acumuladas pelo poder que se exerce sobre ele por intermédio da vigilância. Desta forma, pouco a pouco, o trabalho do operário é assumido em um certo saber da produtividade ou um certo saber técnico da produção que vão permitir um reforço no controle. (FOUCAULT, 2002 p. 120).

Foucault aponta que através do estudo do comportamento, da classificação e da comparação surgiu outro tipo de saber.

Ao lado desse saber tecnológico, próprio das instituições de sequestro, nasce um saber de observação, um saber de certa forma clínico, do tipo da psiquiatria, da psicologia, da psico-sociologia, da criminologia e etc. É assim que os indivíduos sobre os quais se exerce o poder ou aquilo a partir de que se vai extrair o saber que ele próprios formaram e que será retranscrito e acumulado segundo novas normas, ou são objetos de um saber que permitirá também novas formas de controle. [...] O saber psiquiátrico se formou a partir de um campo de observação exercida prática e exclusivamente pelos médicos enquanto detinham o poder no interior de um campo institucional fechado que era o asilo, a pedagogia se formou a partir das próprias adaptações da criança às tarefas escolares, adaptações observadas e extraídas do seu comportamento para tornarem-se em

seguida leis de funcionamento das instituições e forma de poder exercido sobre a criança. (FOUCAULT, 2002 p. 121-122).

Nota-se então, o domínio exacerbado sobre a vida humana, e nem questionamos sobre isso, pois a vida vem no pacote com o manual de tudo que se deve fazer, andamos num mundo guiado por modelos que dizem o que e como fazer. Nestes modelos definem e determinam como ser cidadão, bom pai, boa esposa, bom religioso e etc.

Percebe-se que, há vários saberes aí produzidos: o tecnológico, o de observação, o clínico, dentre outros, que são, cotidianamente, fortalecidos e atualizados pelas práticas dos profissionais ligados às ciências humanas e sociais. Aqui reforça a tese apresentada anteriormente em que as instituições são fundamentais para a construção de saberes e poderes sobre os indivíduos.

Por fim, todo este processo é possível graças ao dispositivo, que é a parte invisível do poder. O dispositivo, entre outros aspectos, refere-se a um conjunto de elementos que abarcam desde discursos a instituições, organizações arquitetônicas, leis, enunciados científicos, etc, cuja função estratégica ou política, é ser o elemento imprescindível para a manutenção de uma forma de dominação.

CONCLUSÃO

Discorrendo acerca de Foucault nota-se que é impossível relacionar com ele e continuar o mesmo. De fato, Foucault tira toda a segurança ao questionar nosso modo de pensar, viver, organizar, quer na cidade ou na família, enfim quebra nossas estruturas, exigindo-nos nova maneira de agir e por conseguinte, criar novas formas de viver.

Foucault estuda com muito afinco o poder, entretanto ao fazer tal estudo aponta diversas faces do poder. O poder enquanto disciplinalização, enquanto controle de consciência e etc. Em muitos assuntos abordados por Foucault parece contradizer em alguns momentos. Foucault percebeu que as contradições são indispensáveis em um discurso, pois possibilita a criação de novos discursos. Tendo claro esta percepção de Foucault desenvolvi o referido trabalho deixando alguns princípios de contradições para que discussões possam surgir.

Antes de concluir, penso que é plausível uma questão muito desafiadora que de certo modo rege este trabalho. A seguinte questão é, quemé Foucault? Ora, alguns respondem atribuindo títulos, ou catalogando-o, porém quando perguntado Foucault responde do seguinte modo: não me pergunte que sou nem peça para mudar. Para termos uma resposta mais aproximada de que é Foucault é necessário relacionar com ele.

Aqui entra o capital do trabalho, que é apresentar Foucault como poder. Evidentemente, isto é uma contradição, pois o próprio pensador afirma que o poder não é e nem está centrada em uma pessoa. Percebe-se que o poder de Foucault se dá pela relação, isto é o modo que interagem com ele, a leitura que fazem de suas obras é um exercício de poder.

Assim, como foi dito anteriormente o poder tem dois pólos: um que permite a construção de novos saberes e outro que exerce uma resistência a proposta de Foucault.

Pode-se afirmar que um lado do poder de Foucault é através dos seus estudos possibilitou muitos estudiosos, americanos, italianos, franceses e brasileiros desenvolver um vasto estudo em diversas áreas como, política,

antropologia, direito e etc. Enquanto que a outra face do poder é a resistência de Foucault, que consiste por este questionar o modo de pensar, viver, ensinar a educação, fazer política etc. Estes dois pólos é presente de modo muito concreto nas instituições de ensinos.

Consciente da rigidez das presentes afirmações e das possíveis críticas, como a afirmação de que poderia está coisificando Foucault. Declaro que tal coisa é impossível, pois não se pode catalogar classificar ou até mesmo etiquetar o pensador. Quando Foucault afirma que suas obras são uma espécie de autobiografia exclui toda e qualquer possibilidade de coisificação, pois em cada obra temos um Foucault diferente. Pode-se então afirmar que isto é evidente toda pessoa passa por momentos diversos na vida e relata de maneira diferente. Ora, claro que isto é evidente, mas não é isto que quero ressaltar, o que proponho é que olhem para Foucault como um personagem grego da qual dependendo da circunstancia mudava a mascara, Foucault é um homem de mil mascaras. A personalidade de Foucault corrobora tal informação, tanto é verdade que um dos seus melhores amigos, Dumézil que tinha muita proximidade dele não o conhecia.

Referencias bibliográficas

FOUCAULT, Michel. **História da loucura**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1989.

_____, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

_____, Michel. **Vigiar e Punir; história da violência nas prisões**. 36° Ed. Petrópolis: vozes, 2009.

_____, Michel. **Microfísica do poder**. Org. Trad. Roberto Machado. Ed. 13°. Graal, Rio de Janeiro, 1979.

_____, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Ed.3°. NAU. Rio de Janeiro, 2002.

Mente cérebro e filosofia, local de publicação, n. 6, mês. Ano.

Eriboon, Didier. **Michel Foucault e seus contemporâneos**. Trad. Lucy Magalhães. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1994.

DELACAMPAGNE, Christian. **História da filosofia do século XX**. Rio de Janeiro: _____, 1997.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Foucault e análise do discurso em educação**. In Cadernos de Pesquisa, n.114, p. 197-223, novembro/2001.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos III: Estética: Literatura e pintura, Música e Cinema**. Org. Manoel Barros da Motta. Trad. Inês Austran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitaria, 2006.

_____, Michel. **A Hermenêutica do sujeito**. Trad. Salma Tannus Muchail e Márcio Alves da Fonseca. 3° edição. Martins fontes. São Paulo, 2010.

_____, Michel. **A arqueologia do saber**. Petrópolis: vozes, 1972.

_____, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Ibuquerque. Ed. 13°. Rio de Janeiro, Graal, 1988.

_____, Michel. **Em defesa da sociedade.** Trad. Maria Ermantina Galvão. Ed 1°. São Paulo, Martins fontes, 2005.

_____, Michel. **O nascimento da clínica.** Trad. Roberto Machado. 5° edição. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1998.

_____, Michel. **As palavras e as coisas:** uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. 8° edição. Martins fontes. São Paulo, 2000.

_____, Michel. **Foucault por si mesmo parte I.** Disponível em 4shared.com. Acesso em 21 de Dezembro de 2010.

Michel Foucault: entre o murmúrio e a palavra. Org. Tereza Cristina B. Calomeni. Campos, RJ: Faculdade de direito de campos, 2004.

L'homme est-il mort? (entrevista com C. Bonnefoy), *Arts et Loisirs*, no 38, 15-21, junho de 1966, pp. 8-9. Traduzido a partir de FOUCAULT, Michel. *Dits et Écrits*. Paris: Gallimard, 1994, vol. I, p. 540-544, por Marcio Luiz Miotto. Revisão de wanderson flor do nascimento.

Efeito Foucault: Desnaturando Verdades, Superando dicotomias. Coimbra, Cecilia Bouças Maria e Nascimento, Maria Livia do. Universidade Federal Fluminense, *Psicologia: Teoria e Pesquisa* Set-Dez 2001, Vol. 17 n. 3, pp. 245-248.

Candiotto, Cesar, IHU on-line, leopordo, edição, 364. 2011.

Questiona os limites da razão

O problema político essencial para o intelectual não é criticar os conteúdos ideológicos que estariam ligados à ciência ou fazer com que sua prática

científica seja acompanhada uma ideologia justa; mas saber se é possível constituir uma nova política da verdade. O problema não é mudar a “consciência” das pessoas, ou o que elas têm na cabeça, mas o regime político, econômico, institucional de produção de verdade. (microfísica do poder, 70-71).